



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

GLAUCO ROBERTO DA SILVA

**QUANDO OS VENTOS "emBRAÇAM" LINHAS: ALEGRIAS
(IM)POSSÍVEIS COM ÁFRICA, ESCOLA, DEVIRES, DIÁRIOS, COSTURAS,
LINHAS...**

CAMPINAS

2016

GLAUCO ROBERTO DA SILVA

**QUANDO OS VENTOS “emBRAÇAM” LINHAS:
ALEGRIAS (IM)POSSÍVEIS COM ÁFRICA NAS ESCOLAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural

Orientador: PROF. DRA. SUSANA OLIVEIRA DIAS

Este exemplar corresponde à versão final
dissertação/tese defendida pelo
aluno Glauco Roberto da Silva e orientada
pela Profa. Dra. Susana Oliveira Dias

CAMPINAS
2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Si38q Silva, Glauco Roberto da, 1978-
Quando os ventos "embrace" linhas : alegrias (im)possíveis com África, escola, devires, diários, costuras, linhas... / Glauco Roberto da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Susana Oliveira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Professores e alunos. 2. Aprendizagem experimental. 3. Escolas. 4. Arte e educação. 5. Devir (Filosofia). 6. Imagem (Filosofia). 7. África. I. Dias, Susana Oliveira, 1973-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: When the winds embrace lines : joys (im)possible with Africa, school, becomings, daily, seams, threads...

Palavras-chave em inglês:

Teacher-student relationships

Experiential learning

Schools

Art and education

Becoming (Philosophy)

Image (Philosophy)

Africa

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Susana Oliveira Dias [Orientador]

Antônio Carlos Rodrigues Amorim

Alik Wunder

Carolina Cantarino Rodrigues

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Data de defesa: 19-05-2016

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Susana Oliveira Dias

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Alik Wunder

Carolina Cantarino Rodrigues

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

IEL/UNICAMP
2016

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

RESUMO

Ele havia sido povoado por mil... Mil não, eram mais, muito mais populações. Dentro dele moléculas se agitavam em velocidades e lentidões alucinantes, contaminações desejosas de um vir a ser outro e outro e outro e... Devires. Variações contínuas de um estar na escola e ser habitado por moléculas de homens, mulheres, crianças, negro, animais, linhas, ventos, tribos, palhaço, materiais, mapas, etc. Potências que se (des)amarram com a força da costura, da descostura, do alinhavo, do bordado, de escritas enoveladas em papéis emaranhados, etc.

Pesquisa-criação. Desejo de pensar, dizer e escrever de experimentações pelo enroscar-se nos emaranhados de mil e tantas linhas, que “devem” de experimentos de um professor com a escola, África, costuras, imagens, livros, mapas, máscaras, literatura, sons, diários, e...

... Ar. Durante sua busca, encontra o vento. Uma ajuda prazerosa e potente. Os ventos o carregam por lembranças de um primeiro encontro: professor com escola, um lembrar que insiste em ser dito em uma linha do tempo reta e continua. Mas não. Prefere não. Quer tempestade. Desorganizar o que está pronto. Desacostumar essas lembranças já dadas. Quer brincar de/no vento, encontrar redemoinhos poeirentos que ajudem a desajustar, deslembrar. Lê e relê Deleuze e Guattari. Acha algo, devir-criança, não perde tempo, se alinhava e corre brincar dentro das imagens de uma África postal. África dos livros dos mapas. *Mãe! Vou brincar. Brincar onde menino? Na floresta. Vai menino! Vai brincar com seus elefantes, leões e girafas na floresta.* África vista na televisão. África da escola da infância.

Como é bom se contaminar e devir-criança. *Mãe, agora vou ser vento! Vai menino, não demora. Cuidado, não vai se perder!* Agora que é vento, consegue carregar com sigo infinitas moléculas brincantes, mas não é só isso, pode também ir longe, outros mundos. Mundos fabulados, escondidos, de tribos esquecidas, onde é possível ser Ele e Ela e Aquilo e ser nenhum deles e todos eles. Que prazer ventar por outros territórios sem se fixar, lugares africanos pouco divulgados (ou seria melhor dizer divagados?). Vento nômade, sem lugar certo, apenas ventar cada vez mais longe. Vai se aproximando da linha do horizonte, se encanta e vai ser outra coisa. Agora em corpo linha, é carregado pelo vento para escola. No chão de pó de giz das salas de aula, rasteja, percorre lousas, cortinas, carteiras e encontra nas páginas de livros e cantos de mapas um caminho para (des)fiar teias de palavras, imagens e sons que vão por trilhas

literárias, artísticas e filosóficas dizer de experimentações que, não estão apenas nas salas de aulas, mas que estão nele, ventando dentro dele, só esperando agulhas que descosturem as frestas por onde sopra um vir a ser professor-criança-mulher-negro-aranha-vento-linha-pó.

Palavras Chave: África, escola, imagem, devir e arte.

ABSTRACT

He had been populated by thousand ... Thou shall not, were more, many more people. Inside they molecules flapped at breakneck speeds and slowdowns, willing contamination of a turn out to be another and another and another ... and becomings. Continuous variations of a being in school and being inhabited by molecules of men, women, children, black, animals, lines, winds, tribes, clown, materials, maps, etc. Powers that be (un) bind with the strength of the seam, the unravel, the basting, embroidery, of reeled written in tangled papers, etc.

Research-creation. Desire to think, say and write trials by curl up in tangles of thousands and so many lines, which "should" experiments of a teacher with the school, Africa, seams, images, books, maps, masks, literature, sounds, daily, and ...

... Air. During his search, find the wind. A delightful and powerful help. The winds carry by memories of a first meeting: teacher with school, remember that insists on being told in a row of straight time and continues. But not. Prefer not. Want storm. Disorganize what is ready. Wean these memories already given. Want to play / in the wind, find dusty swirls to help out of adjustment, forgot. Read and reread Deleuze and Guattari. Think something, becoming-child, do not lose time, aligned and run play within images of a postal Africa. Africa books of maps. Mother! I'm going to play. Playing where boy? In the forest. Go Boy! Will play with his elephants, lions and giraffes in the forest. Africa seen on television. childhood school in Africa.

How good to be contaminated and becoming-child. Mother, now I will be wind! Go Boy, do not delay. Beware, will not get lost! Now that's wind, can carry with follow endless playing molecules, but not only that, you can also go far, other worlds. fabled worlds, hidden, forgotten tribes of where you can be He and She and It, and be none of them and all of them. What a pleasure to blow other territories without fixing, African places little known (or should I say digress?). nomadic wind without right place, just blow ever further. Nears the horizon, delights and will be something else. Now in body line, it is carried by the wind to school. In chalk dust floor classrooms, crawls, runs blackboards, curtains, wallets and on pages of books and maps corners a path to (dis) spinning webs of words, images and sounds that go by literary, artistic and philosophical tracks say trials that are not only in classrooms, but that are in it, blowing

into it, just waiting needles sewn the cracks where blows become teacher-child-woman-black-spider-wind-line-powder.

Key-words: Africa, school, image, becoming and art.

LISTA DE IMAGENS

Primeiro diário

(pág. 33 a 51)

Segundo diário

(pág. 77 a 83)

Terceiro diário

(pág. 99 a 103)

Quarto diário

(pág. 111 a 115)

Quinto diário

(126 a 134)

ÍNDICE

1 – Pulverizações (p.11)

1.1 - Desacosturmando as lembranças (p.12)

1.2 - Vozes travessas alinhavam ventos (p.62)

2 – Segunda (des)costuras: sopra um vento que (in)venta mundos (p.69)

3 – Terceiras (des)costuras: a tribo de antes do mundo nascer (p.71)

3.1 - Um povo por vir: devir-mulher-criança-animal-negro-tribal na escola (p.87)

4 – Quartas des...: E se de manhã o vento (p.98)

4.1- Primeiros arranjos: as lógicas (p.118)

4.2- Lógica didática? (p.118)

4.3 - Lógica tarântula (p.122)

5 - Bibliografia (p.135)

6 – Catálogos de artistas consultados para produção dos diário (p.137)

1 – PULVERIZAÇÕES

Foi (e ainda é) assim...

Por onde começar? Pensou.

Precisava contar sobre certos acontecimentos vividos por ele dentro da escola. Seu objetivo era falar de experimentações com a África na sala de aula. Porém, quando pegava para ler seus escritos, se dava conta, de que a maneira como estava descrevendo o ocorrido era pessoal demais, as palavras, em seu texto, estavam muito povoadas por um “Eu-Professor”. Precisava perder-se, esquecer-se, contaminar-se, lançar-se aos giros incertos do vento.

Precisava...

de...

Deleuze.

Mas, por onde entrar na obra de Deleuze? Refletiu. Pesquisou. Encontrou sua resposta no próprio pensador. “Entra-se por qualquer lado, nenhum vale mais que o outro, nenhuma entrada tem qualquer privilégio.” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.9).

Contaminou-se com aquelas palavras.

Escolheu seu caminho.

Devir.

Entrou...

Já tinha um método para começar a sua escrita. Encher-se de outros “eus”, assim, quem sabe, conseguiria uma escrita capaz de escapar ao já dado por meio de alianças e contaminações “que não são genéticas nem estruturais (...)”, mas sim, “(...) inter-reinos, participações contra a natureza.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.24).

Deu início ao seu relato, pensando em ir sempre contra a natureza do que já estava posto, queria os inter-reinos deleuzeanos, desejava desacostumar, deslocar-se daquele “Eu-professor” a fim de que ele e sua escrita encontrassem novos reinos e viesse a se tornar outra coisa.

“Mas como?”

Começou enredando-se pelas lembranças, queria embaracá-las, assim poderia deixar o tempo fora “dos eixos, caótico, processo que promove um estilhaçamento do eu” (MORAES, 2014, p. 19).

Entregou-se ao devir a fim de pulverizar-se.

1.1 DESACOSTUMANDO AS LEMBRANÇAS

Lembranças de um professor à deriva: 08h00min de uma segunda-feira ensolarada. Era mês fevereiro de 2012 e março e abril de 2011 e quarta e segunda-feira e agosto e quinta. Por que deveria lembrar? Logo nesse começo de manhã, vejo surgir em minha direção um vento que, de súbito, e sem muita conversa, levantou e veio de frente. Fui pego por uma dessas ventanias sem destino que me carregou para um lugar, até então, incerto: a escola. Digo incerto, pois, apesar de minha formação em licenciatura, não me sentia preparado nem à vontade, para dar aulas em escolas de ensino fundamental e médio do estado.

Esse vento não me deu muitas escolhas. Girar, gir(ar), gir(ar)... Ar, ar, muitas vezes me faltou ar. Entre ciscos, gravetos, folhas e poeira, fui seguindo em rodopios por muitas direções. Uma desordem que não me deixou muito tempo para os novos rumos que estavam surgindo.

Quando dei por mim, numa terça-feira de manhã, já estava parando o carro em frente ao portão da escola.

10h40min e 07h00 e 06h00 e 17h00 e 00h00... O sol estava nascendo numa manhã de um dia que me esqueço de lembrar qual é. Devo lembrar? Será? Estou gostando de não lembrar. Volto ao vento. O vento havia embaracado com seus abraços os meus sentidos, as linhas do tempo não estavam mais retas. Uma lembrança vem à mente. Um portão que se abre diante de meus olhos. Era um portão velho, amassado, enferrujado, riscado, cansado e quase sem cor. Adentro lentamente com o carro naquele recinto. Ouvia os sons diversos que ali eram produzidos: vozes, gritos, risadas, cadeiras sendo arrastadas... Parei o carro no estacionamento, deixei os olhos percorrerem o lugar. Encontram árvores, salas, corredores, janelas etc. Os pensamentos se desenrolavam lentamente, como um novelo de linha cheio de nós. Era preciso ir devagar. Era tudo novo. Deixo o carro para trás e sigo meu caminho quieto, pensativo.

Esse dia ficou marcado em meu papel-lembrança: o dia que coloquei os pés, pela primeira vez, na sala de aula. Nesse estranho momento, percebi em mim um amontoado

caótico de sensações. Senti de tudo, menos o desejo de ser professor. Esse querer ainda não tinha aparecido. Muito pelo contrário, a vontade de estar na sala de aula ainda estava perdida naquela ventania.

Naquele primeiro contato, tudo era bagunça: os pensamentos, as dúvidas, a didática, livros, apostilas, currículo, sentimentos, escola e, também, a sala de aula com seus alunos, por vezes, desmotivados e desinteressados. Pensava comigo o que essa bagunça queria dizer. Era algo ruim ou potente? Seria possível usar esse embaraço caótico como potência de vida e criação?

Os primeiros dias seguiram devagar. Pouco a pouco fui tomando contato com “tudo” o que acontecia na escola: projetos, alunos, materiais, dificuldades, problemas. Era um tudo sem fim. Deixei que meu coração ansioso seguisse seu ritmo. Um caminho, por vezes, descompassado, que buscava, na escola, formas de se (des)embaraçar naquele cotidiano novo.

Em um desses momentos, senti uma sensação estranha, irregularidades cardíacas. O coração dava o sinal, tentava dizer algo. Sístole, diástole, sístole, diástole dias... di... O corpo tentava entender. Desconseguiu. Seria melhor sentir. O que estaria vindo? Fui apresentado a um projeto da escola, cujo tema era África. Antes eu já havia conversado com a coordenação sobre projetos desenvolvidos na escola e tinha demonstrado interesse em trabalhar com a cultura africana. O tema era instigante, afinal, a proposta de uma educação étnico-racial era uma vontade, além do que, já estava prevista nas diretrizes curriculares nacionais desde a aprovação da Lei 10639/2003. Uma lei que surgia como desejo de fazer ventar nas Diretrizes Curriculares Nacionais a educação das relações Étnico-raciais e História da Cultura Afro-brasileira e Africana. Uma política educacional que pretende ampliar o leque de conhecimentos culturais da população escolar (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p. 133)¹além de buscar novas práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e afro-brasileiros no processo de formação nacional². Mas não era só isso que o vento desejava, as africanidades despertavam nele uma curiosidade ancestral. Mas o que seria

¹ Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/07/diretrizes_curriculares_nacionais_2013.pdf - Acesso em 15/06/15

² Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192 – Acesso 15/06/2015

essa curiosidade? O que seria ancestralidade? Perguntas ao vento... Dado meu interesse no assunto, a coordenadora mostrou de que forma professores, de anos anteriores, trabalharam com as africanidades.

Soprou um vento, na companhia da coordenação, por um caminho que levava a uma sala separada... Na porta havia uma placa com as palavras “Sala de vídeo”.

Entraram em um lugar grande, escuro e cheio de cadeiras enfileiradas que dava de frente para uma mesa grande e uma lousa. Em um canto, ele viu um amontoado de cartolinas. De onde estava, percebia palavras e imagens desenhadas. Ao chegar mais perto, reparou que esses desenhos remetiam a um tema conhecido. Ele pega as folhas empoeiradas nas mãos e vê que se tratava de África. Eram muitas cartolinas, cada uma explorando variadas visões culturais do continente. Os cartazes eram trabalhos realizados pelos estudantes, com objetivo de que entrassem em contato com o continente, com a cultura, os povos e, principalmente, com questões entre a África e o Brasil, principalmente, aquelas ligadas às identidades negras dentro da escola, um assunto que é visto com importância pela coordenação, pois o preconceito é muito comum nos corredores e salas de aulas.

O que pude perceber daquelas produções dos alunos é que, depois de trabalhados, os cartazes eram espalhados pelas paredes e murais da escola. Quanta poeira! Chego mais próximo, percebo que muitos trabalhos estavam empoeirados e cobertos por fios de aranha. Em silêncio, meus olhos iam percorrendo aquelas imagens, eles sabiam que havia ali um registro que já existia em minha memória, eu já as tinha visto na televisão, cinema, livros didáticos, jornais, revistas. Cheguei mais perto a fim de poder observar melhor. Peguei o material nas mãos e encho o peito de ar. Prendo por um tempo aquele ar dentro de mim. Gosto ruim. Soprei o pó que cobria os desenhos, imagens e palavras que marcavam a cartolina. “Trabalho sobre a África”, estava escrito em letras grandes no canto superior. Logo abaixo daquelas palavras, desenhava-se um mapa. Era a África? Na imagem, linhas em forma de setas se deslocavam de algumas regiões do mapa e conduziam o olhar para um canto separado daquela cartografia. As pontas daquelas setas indicavam um caminho explicativo, cujo final dava em linhas riscadas a lápis, onde pousavam palavras sobre a África. Aquela era a África? O que a lembrança permite recordar é que as palavras diziam respeito a determinados aspectos que são associados ao continente, como localização de florestas, mapas, desertos, rios,

vilas, cidades,³ etc. Mas, são essas palavras e imagens que os fios da lembrança querem (des)tecer? O que pode/quer ser lembrado?

³ A montagem foi feita a partir de fotos feitas de imagens de livros didáticos diversos: CAMPOS, Flavio. CLARO, Regina. A Escrita da história volume 3, 2010, Editora: Escala Educacional, São Paulo – SP. MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane de. Perspectiva História, 6º ano. 2012, Editora do Brasil, São Paulo – SP. SANTIAGO, Pedro, CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. Coleção Por dentro da história, 2012, Editora: Escala Educacional, São Paulo – SP. Essa composição foi criada a partir de elementos visuais recriados de restos de lembranças e registros dos trabalhos dos alunos.

Ele olha as imagens coladas nos cartazes e sente que algo está acontecendo. Pequenas partículas descolam das imagens e ventam em sua direção. Contaminação. Ele é arrancado de seu território. Agora quase criança. Uma menina.

Ela havia acabado de ganhar seu livro didático na escola. O que iria fazer era começar um trabalho sobre o continente africano que as professoras de história e português haviam pedido. O trabalho deveria ser feito em uma cartolina branca. O objetivo era apresentar algumas características da África, como: localização, história, cultura, população, língua. Em sua casa, a menina jogou o livro sobre a cama, ajoelhou-se não chão duro e gelado de seu quarto e começou a pesquisa. Na solidão do lugar, deixou que as mãos viajassem por aquele objeto em busca de palavras e imagens da África. Foi juntando algumas frases que achou interessante ter:

*“Egito é uma região onde existiu
outra grande civilização da antiguidade.
Está localizado no nordeste da África
e sua população concentra-se às margens do Rio Nilo.”*

*“A fertilidade proporcionada pelo Rio Nilo
foi o grande facilitador do desenvolvimento da região.”*

*“Nesse tempo,
foram construídas
as grandes pirâmides da planície de Gizé:*

*Queóps,
Quéfren e
Miquerinos.”*

*“Nessa região se desenvolveu um reino
que está entre os mais antigos da África:
o reino de Cuxe.” “Relação entre Egito e Cuxe”*

*“Não existem muitas informações
sobre como era a vida no Reino de Cuxe.”*

“África Saariana e África Subsaariana.”

*“Os berberes são povos do norte da África.
Viveram em boa parte no deserto do Saara.”*

*“O termo banto não identifica uma etnia,
e sim uma língua comum.”*

“Na África central e ao sul

nela vivem os povos de língua banta.”⁴

O livro permanecia aberto. Quietos. Aquele objeto era de muitas palavras, nem sempre estava disposto a falar muito, preferia ser lido. Ao perceber a criança debruçada sobre ele, o livro sentiu necessidade de pensar a respeito do seu conteúdo didático. No ensino fundamental dois, que se dá do sexto ao nono ano, os primeiros estudos da África, são encontrados no sexto ano, principalmente nas disciplinas de história e geografia. O primeiro tema a ser tecido é Egito. Aqui a presença do Rio Nilo é marcante em mapas e textos, bem como a cultura dos faraós e os segredos das pirâmides. Mais adiante no livro, lê-se um pouco mais sobre o continente quando, no folhear de suas páginas, encontramos os outros reinos africanos, o Reino de Cuxe e os reinos marcados pela África Saariana e Subsaariana, onde entramos em contato com os povos Berberes e Bantos. Aqui o livro faz questão de dizer algo, ele explica que essa é uma temática atual, marcada pela presença da lei 11.645/2008 que inclui no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p.114),

De repente, volto em mim. Percebo que estou na escola. Deixo de lado, por um momento, aquela cartolina, para pegar outra. Meus olhos encontram outra imagem conhecida. Era um desenho simples, uma imagem cheia de sinuosidades que atravessam de um lado a outro o horizonte da cartolina. Algumas palavras explicam o desenho, dentre elas, a que mais se destaca era “rio”. Observando melhor o trabalho, pude perceber que era sobre a África antiga, Egito. Aquelas curvas, que serpenteavam pelo trabalho, queriam apresentar o rio Nilo. Segurando o trabalho de frente observava que, nos meandros do rio desenhado, estavam coladas imagens recortadas de livros didáticos com menções à cultura de um povo egípcio, com homens e mulheres trabalhando ao lado do rio, embarcações navegando... Dessas colagens didáticas, percebia aquelas mesmas setas explicativas, seguindo em direção às linhas riscadas a caneta. Ali meus olhos encontram explicações sobre aquelas colagens.

⁴ Trechos retirados dos seguintes livros didáticos: CAMPOS, Flavio. CLARO, Regina. A Escrita da história volume 3, 2010, Editora: Escala Educacional, São Paulo – SP. MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane de. Perspectiva História, 6º ano. 2012, Editora do Brasil, São Paulo – SP. SANTIAGO, Pedro, CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. Coleção Por dentro da história, 2012, Editora: Escala Educacional, São Paulo – SP

Achava tudo aquilo bonito e interessante, mas eu me sentia balançado a procurar outro caminho para experimentar a África com alunos. Por quais rajadas de ventos eu seguiria?

A menina pensa em algumas possibilidades para desenvolver o projeto. Uma delas estava ligada um antigo encantamento. Algo que pulsava em silêncio. Eram fotografias. Lembranças de fabulosas fotografias. Mas o que se lembrar delas?

Agita o vento. Ele (não seria ela?) quer embaralhar os fios-lembranças escritos naquele diário (que diário seria esse? Um diário por vir). Ele não quer que as linhas de sua escrita e das lembranças se desenrolem de forma linear. Deseja que sejam puxadas do emaranhado caótico de recordações que ali vão sendo tecidas dia a dia (seu diário seria povoado por mil populações, multidão). Uma tempestade parece estar se aproximando e, com ela, um caminho outro vai sendo (des)costurado, o de um lembrar de lembranças deslembradas, daquelas que não são, necessariamente, exatas (DELEUZE, 2012, p. 11), mas que estejam sempre em contaminações. Vento-lembrança, vento-palavras, vento-papelar, vento-linhas, vento-áfricas, vento-diários, vento-costuras, vento-agulha e ventos e... Ventos que querem produzir desvios na ordem já dada e dita como verdadeira.

De início, o diário não aceita a ideia. Resiste. Quer tudo datado e linear. Sente dificuldades em pensar nessa transição, afinal, a maneira como ele havia sido constituído era de forma sistemática. Em seu corpo-papel branco, a linha do tempo está sempre se arranjando em horas, dias, meses e anos.

Apesar da relutância, percebe a vontade acontecendo dentro dele. Era um desejo de se entregar às rajadas de ventos que redemoïnham e tonteiam os arranjos da escrita e das lembranças.

Diante dessa pequena fresta de querer, algo surge e ele se aproveita para começar a tecer, internamente, palavras, imagens e sons outros. É o caos. Ele sempre ventando com o vento. Diz o caos a ele: pegue a linha do horizonte com o suspiro, passe-a na agulha e costure nas águas do tempo variações infinitas. Então, ele pega um punhado de papel em branco, e com linha vermelha na mão coloca no buraco da agulha e começa. Fura, costura, dá nó, passa de um lado, puxa de outro, faz um trançado aqui, arremata ali e pronto. Seu diário de ventos soprados de linhas de horizontes infinitos.

Ao ouvir aquelas palavras, uma inundação começa a acontecer dentro do diário. Os espaços preenchidos com datas em seu corpo-papel-linear começam a ser lentamente varridos. A linha do tempo começa a ser afogada. Diante daquela sugestão, o objeto se

põe a buscar maneiras de (des)fiar seus fios-lembranças. Era uma aposta. Pensou. O que pode o tempo emaranhado? O que produz a linha desmedida em meus registros diários? Seu desejo agora era escapar daquele tempo controlado. Começou a bordar seu tempo labiríntico, tempo informal, plástico (PELBART, 2004, p. XXI).

Lembranças fabulosas: Na graduação passei por vários caminhos, alguns errados, outros incertos, indecisos, curiosos, mas que, de uma forma ou de outra, levavam-me a diferentes experiências e vivências acadêmicas. Assim, fui tecendo meus fios, e com eles costurando maneiras de me encontrar na academia. Foi costurando esses passos, que certo dia encontrei com algumas fotografias fabulosas.

Esse encontro se deu na manhã de uma quinta-feira. Era um evento da Unicamp, cujo nome não me vem à memória, mas lembro (lembro? Quero lembrar? Deslembrando!) bem do momento em que entrei no centro de convenções. De início, fui fisgado por um som que convocava a atenção da gente na entrada. Esse barulho puxou meu olhar em uma direção. Ali, em um canto qualquer daquele salão, percebi imagens sendo projetadas. Era um vídeo com imagens coloridas que se movimentavam ao som de tambores. Logo abaixo das projeções, uma mesa coberta com um pano branco. Sobre ela, fotografias coloridas espalhadas. Era um banquete de imagens e palavras (WUNDER, 2011, p.5). Uma refeição que minha sensibilidade não sabia muito bem como começar saborear. O que pude fazer foi ficar tempo ali de frente a elas, tentando medir o que estava sentindo. Olhava as fotografias em silêncio. Lembro-me de pensar muitas coisas, só não me lembro de pensar em África. Esqueço a África. Só percebi que as imagens falavam de África quando alguém do meu lado comentou algo.

Fui dar uma volta pelo lugar, mas logo voltei às fotos, agora com uma questão: que Áfricas eram aquelas lançadas sobre a mesa? Uma das imagens prendia minha atenção⁵. Era a que trazia os rostos de mulheres/meninas negras coladas e sobrepostas. Mas não era apenas isso, havia uma boneca negra que passava por esses rostos. Mas não era só isso, cada vez que olhava a imagem, mais e mais coisas surgiam. Aquelas imagens não eram semelhantes às que eu trazia comigo. O fato de não serem semelhantes, de não corresponderem (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.6) às imagens

⁵ Imagem retirada do site do Coletivo Fabulografias: <http://fabulografias.weebly.com/cartotildees-postais.html> - 04/01/2016

esperadas, que já havia visto, provocava em mim um fascínio e que aqui busco pensar com o conceito de *devenir* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Continuei ali parado vendo e ouvindo os sons do vídeo e das pessoas ao meu redor. Nesse clima de interação entre palavras, imagens e sons que movimentavam aquele canto, logo fui encontrando pistas para responder aquela minha dúvida. Em um momento, ouvi Alik, coordenadora do projeto, dizer que a aquela *criação imagética* que estava sobre a mesa, *não se centrou na definição de fronteiras identitárias entre ser ou não ser afrodescendente, buscou novos ares* (WUNDER, 2011, p.2). Fôlego! Era isso que eu estava ganhando. Aquelas imagens estavam soprando, pelos meus olhos, ouvidos, nariz, pele, novos ares, novas sensações. Encontrava ali inspirações para fazer ventar pensamentos outros sobre a África.

Sentia que algo estava surgindo. Mais de um. Muitas. Uma multidão de vidas começavam a se agitar dentro mim. Ventos que queriam formar alianças (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.7) desejosas de devires.



Sim! Eu quero isso! Quero ser atravessado e atravessar essas imagens. Começava então o contágio. Mundos estavam sendo abertos e deles escapavam seres de outros mundos, trazidos por turbilhosos ares deleuzianos. Depois de um tempo, naquele

mesmo dia, descobri que as imagens faziam parte da produção de um grupo, um coletivo chamado Fabulografias⁶.

O tempo ia se desfiando na academia e, de quando em quando, encontrava-me com aquelas imagens em eventos e congressos na Unicamp. Adorava ver a proposta experimentação coletiva em produções imagéticas. Eram inspiradoras.

Lembranças de um roubo: era uma semana como qualquer outra. Na escola, as aulas já estavam seguindo seu ritmo. Fazia parte do meu plano de aula o projeto sobre a África, as inspirações vinham do *fabulografias*. Meu caminho era o do encontro, não qualquer encontro, mas um que se produz no entre das coisas. Eu sentia que, para isso, deveria seguir um caminho que não era o da busca por algo que fosse semelhante, mas sim o do roubo. Um roubo deleuzeano. Um roubo que não é o do plágio, mas do contágio que se produz no encontro. No encontro que captura, que rouba para criar blocos assimétricos de devir que se produz no entre (DELEUZE, 1990, p. 12-13 citado por GODINHO, 2008, p.7).

Começamos então o roubo... Mas, o que roubar?

O começo do processo, o roubo, deu-se por pensar o que me aproximava do coletivo. Que vibrações se produziam em minhas multidões internas quando via as imagens? O que me encantava eram as produções fotográficas, as experimentações, e, principalmente, a aposta em uma África que venta pelas pessoas, convidando-as a experimentar um continente fabulado, imemorial e mítico a partir produções imagéticas em forma de arte postal. As fotografias eram impressas em formato de cartões postais. Foi por esse elemento que comecei a pensar em meus roubos.

12h00min de uma quarta-feira. Chego à escola. Paro o carro de frente aquele velho portão. Não penso muito no que estou fazendo: desço do carro, abro o portão, volto para o carro, estaciono dentro da escola, pego minhas coisas, cumprimento alguém

⁶ O coletivo Fabulografias tinha como equipe executora na época de publicação desse artigo: Profa. Dra. Alik Wunder (coordenação), Prof. Dr. Antonio Carlos Amorim (pesquisador), Profa. Dra. Susana Oliveira Dias (pesquisadora colaboradora), Profa. Dra. Érica Speglich (pesquisadora colaboradora), Profa. Dra. Alda Romaguera (pesquisadora colaboradora), Bia Cavani Porto (artista visual – bolsista de capacitação técnica), Gustavo Torrezan (artista visual e pós-graduando em Educação), Larissa Gaulia (bolsista SAE e estudante de engenharia de computação), Lais Fernanda Jaciane (estudante de pedagogia – bolsista SAE), Laura Regina Fernin (estudante de pedagogia – bolsista Pibic), Alessandra Melo (estudante de filosofia – bolsista SAE), Vinícius Bastos Gomes (estudante de música – pesquisa Pibic), Kildery Monteiro (estudante de ensino médio – bolsista Pibic Jr), Bruna Cristina Gama (estudante de ensino médio – bolsista Pibic Jr).

sem saber direito que é. Minha atenção estava ocupada com meus pensamentos sobre a aula que eu iria dar naquela tarde. Nesse dia, tinha planejado começar meus trabalhos com o projeto da África. Não tinha muita coisa em mente. O que carregava comigo apenas aquela inspiração “fabulográfica”, mas ainda não tinha uma metodologia definida para trabalhar com os alunos.

12h e... Sei lá quantos minutos... Entro em silêncio na sala dos professores. Não vejo muita gente, os professores da tarde ainda não haviam chegado. Estou tenso. Sento um pouco a fim de encontrar um fio que me mostre caminhos para trabalhar com a África na sala de aula. Na solidão quase insuportável dos meus pensamentos, percebia que alguém, ou algo (seria ela, ele e aquilo ou todos, tanto faz...) se aproximava. Sentia uma estranha sensação, algo passava através do meu corpo. A pele reconhecia aquelas vibrações. Sentia vertigem. Suspendia o olhar, que se fixava em algum mundo perdido dentro mim, a fim de reconhecer quem chegava. “Ele-ela-aquilo” se aproximava carregando moléculas, partículas que se agitavam numa mistura de velocidades e lentidões (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 39), que desejavam proliferações. Devires. Em silêncio se sentou na minha frente. Era o Vento. Ele surgia novamente.

Deixo-o falar. Sua voz tinha um som estranho, era um sopro e assoviado. Questionava-me sobre o porquê daquela tensão. Eu lhe disse que estava preocupado, pois pretendia trabalhar com a África inspirado no Fabulografias, mas ainda não tinha um caminho certo a seguir. “Olha! - disse o vento, ‘acalme-se!’. Primeiro, continuava Ela, é linda a ideia de trabalhar com a África na escola. Segundo, ainda soprando palavras, você precisa ter com você que o intuito do projeto é promover aproximações improváveis (WUNDER, 2011, p.1). E você está começando agora uma aproximação com seus alunos, um encontro entre África e estudantes. Busque, falou Aquilo, no redemoinho caótico dos seus pensamentos, uma possibilidade de experimentação.

Ao ouvir isso, deixo minha angústia um pouco de lado e me concentro nas minhas lembranças. Logo me vinha à memória uma característica fabulosa do coletivo. Era algo que tinha me marcado. As imagens do Fabulografias tinham como uma das apostas potente a arte postal. Levanto rapidamente da cadeira, deixo de canto minha angústia, e corro para o computador em busca de imagens, na internet, que remetessem aos postais, mas que estivessem em branco para que os alunos pudessem desenhar.

Fiz algumas cópias dessas imagens postais, depois as recortei para ficar no tamanho de um postal original⁷.

12h40min? Batia o sinal do período da tarde. Arrumava minhas coisas, agradeci ao vento, mas não me despedi, convidei-o a ir comigo para sala de aula. Lá já estavam meus alunos do nono ano do ensino fundamental. Entrei na sala. Esperei-os se arrumarem em seus lugares. Começamos a conversar. Disse a eles que o assunto que iríamos trabalhar era a África. Expliquei que esse tema fazia parte de um projeto sobre a cultura africana e afro-brasileira que seria desenvolvido na escola. Não percebia muita empolgação nos olhos dos alunos. Era apenas mais um trabalho a ser feito. Comecei perguntando a eles o que vinha à memória quando eles pensavam em África. Os poucos comentários que surgem são:

- *Lembro do mapa professor...*
- *Lembro da música do filme Rei Leão.*
- *Florestas e leões.*
- *Girafas.*
- *Miséria e fome.*

Depois disso, entreguei aos alunos os cartões postais em branco. As dúvidas eram: *o que é isso professor? O que é para fazer com isso?* Alguns repararam que o papel em branco tinha algo mais em seu verso, era um postal, mas sem uma imagem. Começávamos o trabalho. Expliquei a eles o que iriam fazer. Naquela folha, iriam desenhar imagens que eles tinham na memória da África.

As dúvidas surgiam novamente.

- *Não entendi professor. Como assim, imagens que me vem na memória?* Após a explicação, eles começaram a desenhar. As imagens vão surgindo no papel-postal.

Circulava pelas carteiras, observando os desenhos. Comecei a ficar angustiado com as imagens que estavam surgindo. Olhei para os lados procurando o Vento, quando percebi, Ele estava ao meu lado. Percebera minha inquietação, mas continuava a girar pela sala alternando seu ritmo. Meu incômodo se dava pelo fato de que os desenhos, que estavam surgindo, insistiam sempre na mesma África: a da floresta, dos leões, dos animais, etc. Comecei a pensar que a ideia de desenhar postais não tinha sido boa, pois as produções eram muito simples e repetitivas. Continuava andando, tentava me

⁷ A imagem do cartão postal foi retirada do site: <http://ceucaindo.blogspot.com.br/2011/10/minha-cidade.html?view=snapshot> acesso: 10/03/2016

recompor daquele redemoinho de tensão. Parei um pouco próximo à lousa, deixei o Vento chegar perto e confessei a Ela minha inquietação com os desenhos. Eu disse que não estava esperando algo de extremamente novo, mas que também não estava esperando algo tão simples, que beirasse o infantil. Ele não demonstrava estar inquieto com as produções dos alunos, muito pelo contrário, já esperava por aquelas imagens. A respeito da minha tensão, dizia para ficar tranquilo, pois a experiência imagética que eles trazem com a África era aquela, de um continente já dado e difundido pelos livros didáticos e pelas mídias.

Lembranças Miltonianas: o vento continua a soprar.

Seria o último sopro? Agora ela quer me carregar para outro mundo, quer que eu me contamine com seres sombrios. Fendas vão se abrindo naqueles desenhos. Contágios vão surgindo. Estou sendo transportado para outro lugar. Sou retirado de meu território e convidado a viver outras vidas. Vidas possíveis de serem vividas. Devir criança.

- Outra vez nessa televisão!?

- Desliga essa “porcaria” menino!

- Você vai enlouquecer!

Ele começou a evocar lembranças de menino. Fechou os olhos.

Deixou surgir em seu pensamento imagens de um tempo de criança.

Viu-se saindo da escola com livros e cadernos na mão a correr para casa.

Na sala, deitou a cabeça no braço do sofá e ali ficou. Vertiam da televisão imagens, palavras e sons daquilo que parecia ser o mundo, a vida.

Daquela tela, eram tecidas narrativas didáticas simples e claras que estava formando uma parte de seu conhecimento, a sua inteligência visual (ALMEIDA, p.2 1999).

- Vai fazer outra coisa moleque!

- Parece que só vive para ver tevê!

- É o dia inteiro vendo isso. Antes de ir para escola liga a tevê, volta da aula vai para tv.

- Ah, Mãe! Espera um pouco, quero ver mais um. O último. Um não.

Dois desenhos mãe. Agora que está ficando divertido.

Aquela sua dedicação de espectador havia lhe rendido um conhecimento duvidoso, afinal ele havia dado credibilidade, quase que total, àquilo que estava passando na tela. Agora, tudo que havia visto, ouvido e interpretado era real e verdadeiro. Será?

- Mãe olha só para mim! Sou um animal. Transformei-me em um bicho.

- Estou vendo! Diz a mãe atarefada com seus afazeres.

- Sou um leão. Estou em outro lugar. A floresta está em toda parte.

O tom de voz da mãe era a de outras preocupações que não aquelas do mundo do menino.

Vá brincar em outro lugar!

Correu o menino para o quintal levando consigo as imagens que havia visto na televisão. Foi então que se viu agarrado por um punhado de vento que o rodeava e o lambia. Em giros e rodopios foi conduzido para outro lugar. Foi convidado a entrar em um mundo de imagens que já havia visto. Elas eram simples, pintadas a lápis. Todas elas buscavam dar sentidos aquilo que queria ser lembrado sobre um determinado lugar, um continente. O que aquelas imagens queriam dele?

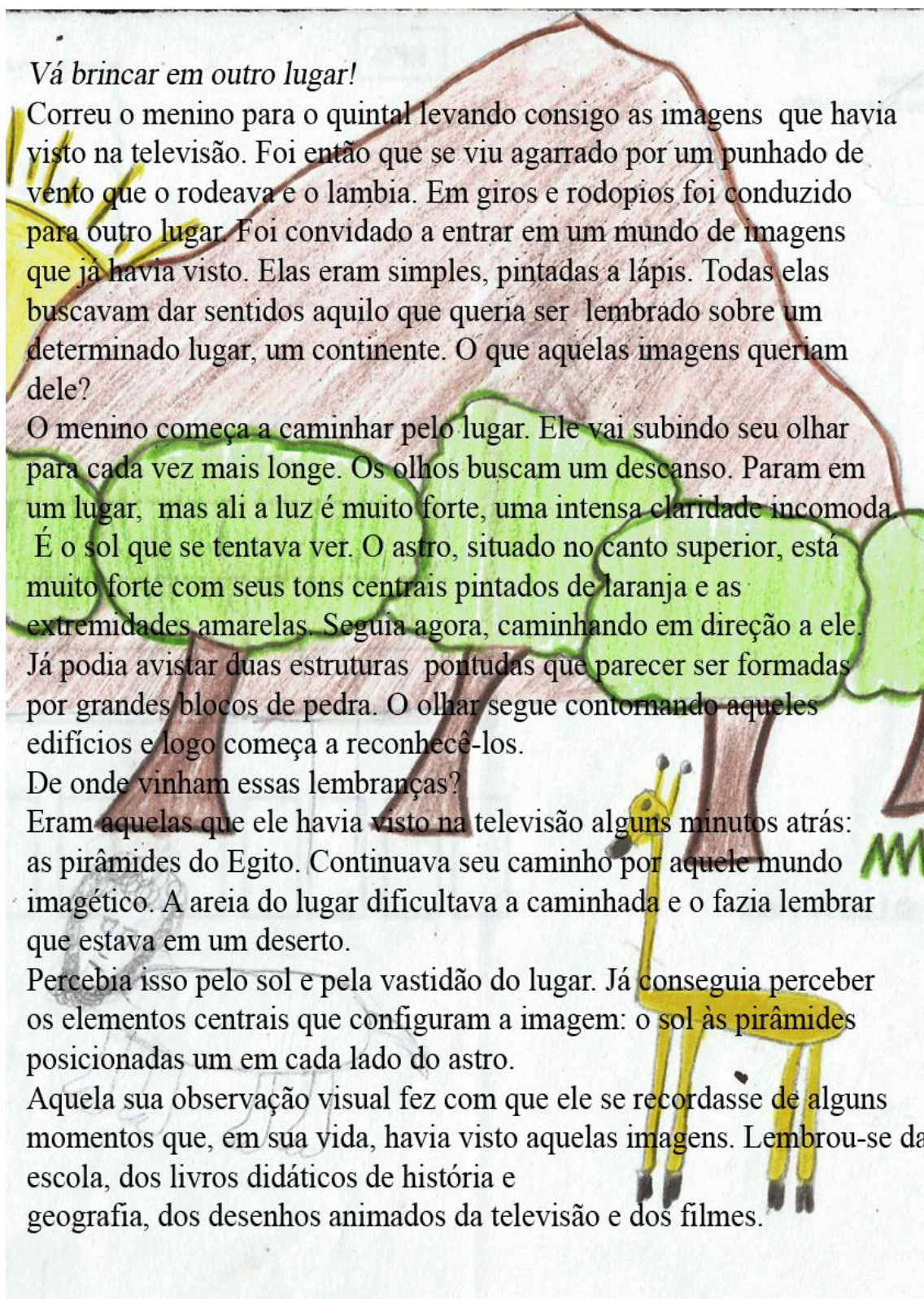
O menino começa a caminhar pelo lugar. Ele vai subindo seu olhar para cada vez mais longe. Os olhos buscam um descanso. Param em um lugar, mas ali a luz é muito forte, uma intensa claridade incomoda. É o sol que se tentava ver. O astro, situado no canto superior, está muito forte com seus tons centrais pintados de laranja e as extremidades amarelas. Seguiu agora, caminhando em direção a ele. Já podia avistar duas estruturas pontudas que parecer ser formadas por grandes blocos de pedra. O olhar segue contornando aqueles edifícios e logo começa a reconhecê-los.

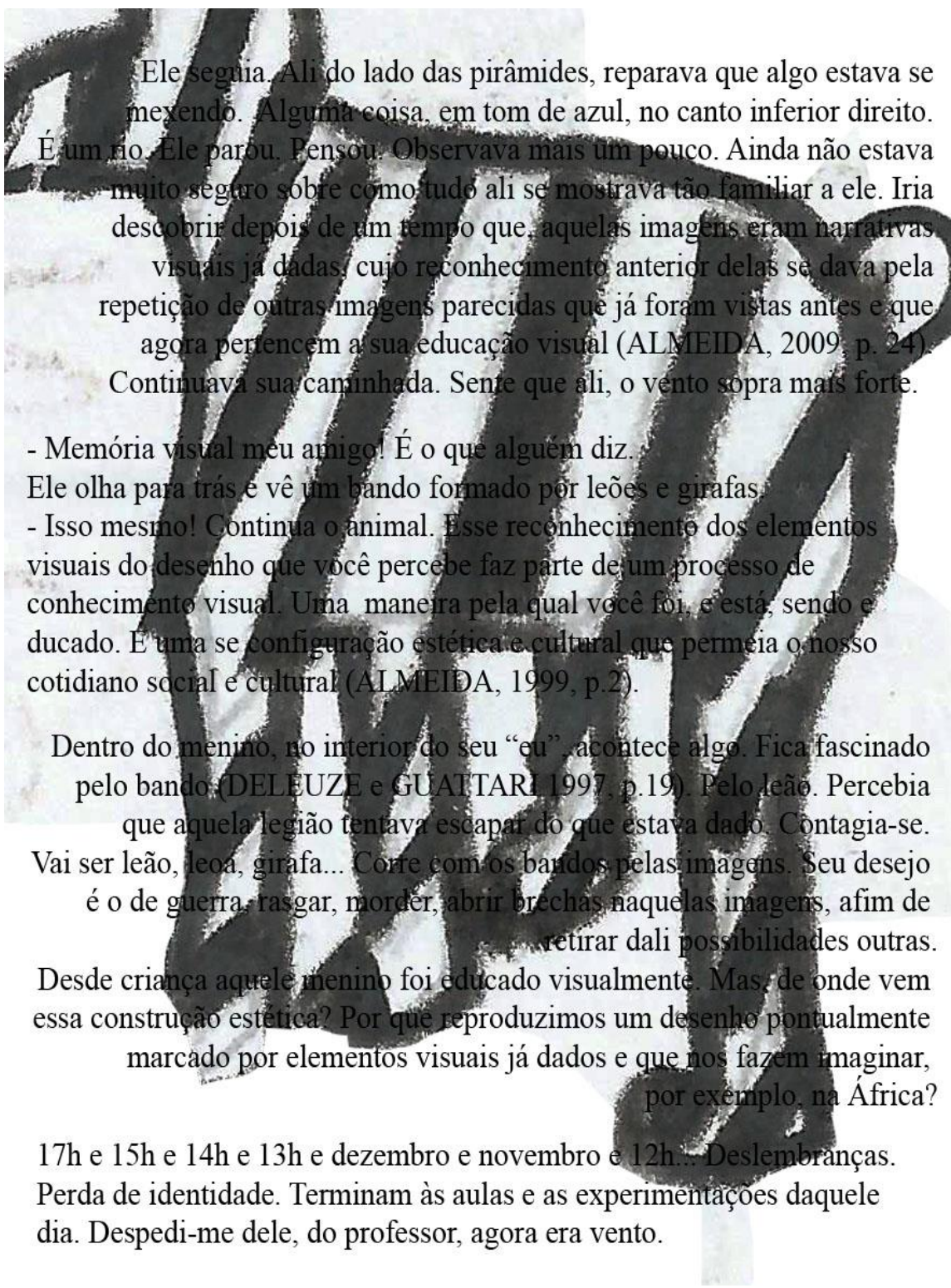
De onde vinham essas lembranças?

Eram aquelas que ele havia visto na televisão alguns minutos atrás: as pirâmides do Egito. Continuava seu caminho por aquele mundo imagético. A areia do lugar dificultava a caminhada e o fazia lembrar que estava em um deserto.

Percebia isso pelo sol e pela vastidão do lugar. Já conseguia perceber os elementos centrais que configuram a imagem: o sol às pirâmides posicionadas um em cada lado do astro.

Aquela sua observação visual fez com que ele se recordasse de alguns momentos que, em sua vida, havia visto aquelas imagens. Lembrou-se da escola, dos livros didáticos de história e geografia, dos desenhos animados da televisão e dos filmes.





Ele seguia. Ali do lado das pirâmides, reparava que algo estava se mexendo. Alguma coisa, em tom de azul, no canto inferior direito. É um rio. Ele parou. Pensou. Observava mais um pouco. Ainda não estava muito seguro sobre como tudo ali se mostrava tão familiar a ele. Iria descobrir depois de um tempo que, aquelas imagens eram narrativas visuais já dadas, cujo reconhecimento anterior delas se dava pela repetição de outras imagens parecidas que já foram vistas antes e que agora pertencem a sua educação visual (ALMEIDA, 2009, p. 24). Continuava sua caminhada. Sente que ali, o vento sopra mais forte.

- Memória visual meu amigo! É o que alguém diz.

Ele olha para trás e vê um bando formado por leões e girafas.

- Isso mesmo! Continua o animal. Esse reconhecimento dos elementos visuais do desenho que você percebe faz parte de um processo de conhecimento visual. Uma maneira pela qual você foi, e está, sendo educado. É uma configuração estética e cultural que permeia o nosso cotidiano social e cultural (ALMEIDA, 1999, p.2).

Dentro do menino, no interior do seu “eu”, acontece algo. Fica fascinado pelo bando. (DELEUZE e GUATTARI 1997, p.19). Pelo leão. Percebia que aquela legião tentava escapar do que estava dado. Contagia-se. Vai ser leão, leoa, girafa... Corre com os bandos pelas imagens. Seu desejo é o de guerra, rasgar, morder, abrir brechas naquelas imagens, afim de retirar dali possibilidades outras. Desde criança aquele menino foi educado visualmente. Mas, de onde vem essa construção estética? Por que reproduzimos um desenho pontualmente marcado por elementos visuais já dados e que nos fazem imaginar, por exemplo, na África?

17h e 15h e 14h e 13h e dezembro e novembro e 12h... Deslembranças. Perda de identidade. Terminam às aulas e as experimentações daquele dia. Despedi-me dele, do professor, agora era vento.

Soprava ele com força e, pesado, sentia-se contaminado por partículas de poeira, pó de giz, cabelos, papéis, linhas, restos de unhas, mulher, homossexual, criança, palavras e sons. Seguia seu caminho. Precisava descansar. A escola estava se acalmando. O silêncio aí, encontrando seu lugar nos cantos dos corredores. Soprava na direção do carro. Carregava com ele as produções dos alunos. Aproximou-se do carro. A mulher sentia que sobre sua cabeça pairava uma nuvem negra. Pensamentos.

Pensava naquela primeira experimentação com os alunos, e no que o Vento tinha feito ventar nela. De repente, sentia algo pesar, alguma coisa escapa daquela nuvem negra. Algo primitivo acorda no sangue. É a África e a escola. Pensar nessas experimentações começava a tontear meu coração. Entro no carro com a batida forte no peito. Começo a pensar nas possibilidades daquilo que me parecia impossível. O que os desenhos e stavam me dizendo era sobre o conhecimento visual dos meus alunos, um entendimento que já está dado por imagens e pela lógica da lembrança, da reconhecimento de algo já existente, já programado. Imagens que circulam cotidianamente e promovem uma educação da memória.
(ALMEIDA, p.10, 1999).

Nesse caso, as imagens postais, presentes no arcabouço imagético, dos alunos são aquelas encontradas em livros didáticos, em revistas, jornais, TVs. Imagens que têm como ponto forte um funcionamento- lembrança. Percebi, nesse momento, uma linha se (des)fiava em meu caminho, um fio que desejava possibilidades outras de criações a partir de livros didáticos, áfricas e a escola. Meu caminho, para pensar a África na escola não era o de negar os livros didáticos, muito pelo contrário, eles me maravilhavam. O que começava a se desenrolar em meu peito eram rajadas de ar tempestuoso, desejoso de buscar maneira outras de tornar os livros um material aberto a experimentações.

Passado por esse momento de lembranças, agora, ele, empolgado, deslembrava. Nesse caminho, sentia que sua escrita estava ficando mais solta, os diários também estavam ajudando, menos costurada daquele Eu-professor. Mas seu trabalho não estava finalizado, era apenas o começo. Agora, para dar seguimento em suas descrições de experiências com África na escola, precisava, ainda, encontrar maneiras de contar sobre suas experimentações relacionadas à relação-criação com os livros didáticos velhos e novos. Desejava pensá-los como materiais abertos a experimentações.

Lembrou que, quando encontrou, os livros estavam cheios de poeira e teias de aranha. Gostava das aranhas, eram grandes artistas das linhas, para “ele-ela-aquilo”, essas pequenas estão sempre “a alfaitar, alfinetar, cegar os nós. Tecem e retecem os fios, entrelaçam e reentrelaçam mais e mais teias,” (COUTO, p.73, 2009) sempre com o desejo de repaginar recriar o mundo. Algumas são “infinitas fiadeiras” (COUTO, 2009, p.73), como sua mãe, uma grande costureira e bordadeira. Deixou-se contaminar com aquelas palavras tecidas em teias poéticas. Desejava ser outra coisa. Por que não ser uma linha a repaginar com aqueles materiais? Foi ser linha de aranha, e de costura e de anzol e de barbante e.... Uma linha fujona, criança dançante, brincante, “errante, inventiva, furiosa.” (LINS, 2013, p.33)

Primeiro diário⁸



⁸ Os diários, numerados para dissertação como primeiro, segundo, terceiro quarto e quinto, foram criados pelo próprio autor dessa pesquisa durante o processo de escrita do mestrado.

08/07.

A PRIMEIRA ESCOLA QUE TEMO REGISTRO
É A QUE MINHA IRMÃ FREQUENTAVA
QUANDO ÉLAMOS PEQUENOS.

MINHA IRMÃ "DETESTAVA A ESCOLA, MOTIVO
ESSE QUE APROXIMOU MAIS MEUS PAIS
DO AMBIENTE ESCOLAR.

LEMBRO QUE TODO DIA DE MANHÃ SAÍ-
MOS DE CASA EM DIRETA A ESCOLA.

ERA UMA ESCOLA PEQUENA, DO SÍTIO, NO
INTERIOR DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO.

QUARTA FEIRA 25/06. - DIÁRIO IMPOSSÍVEL

CARTA DE UM ALMO....

- CARTA DE AMOR AO ANCESTRAL -

"Querido ANCESTRAL...

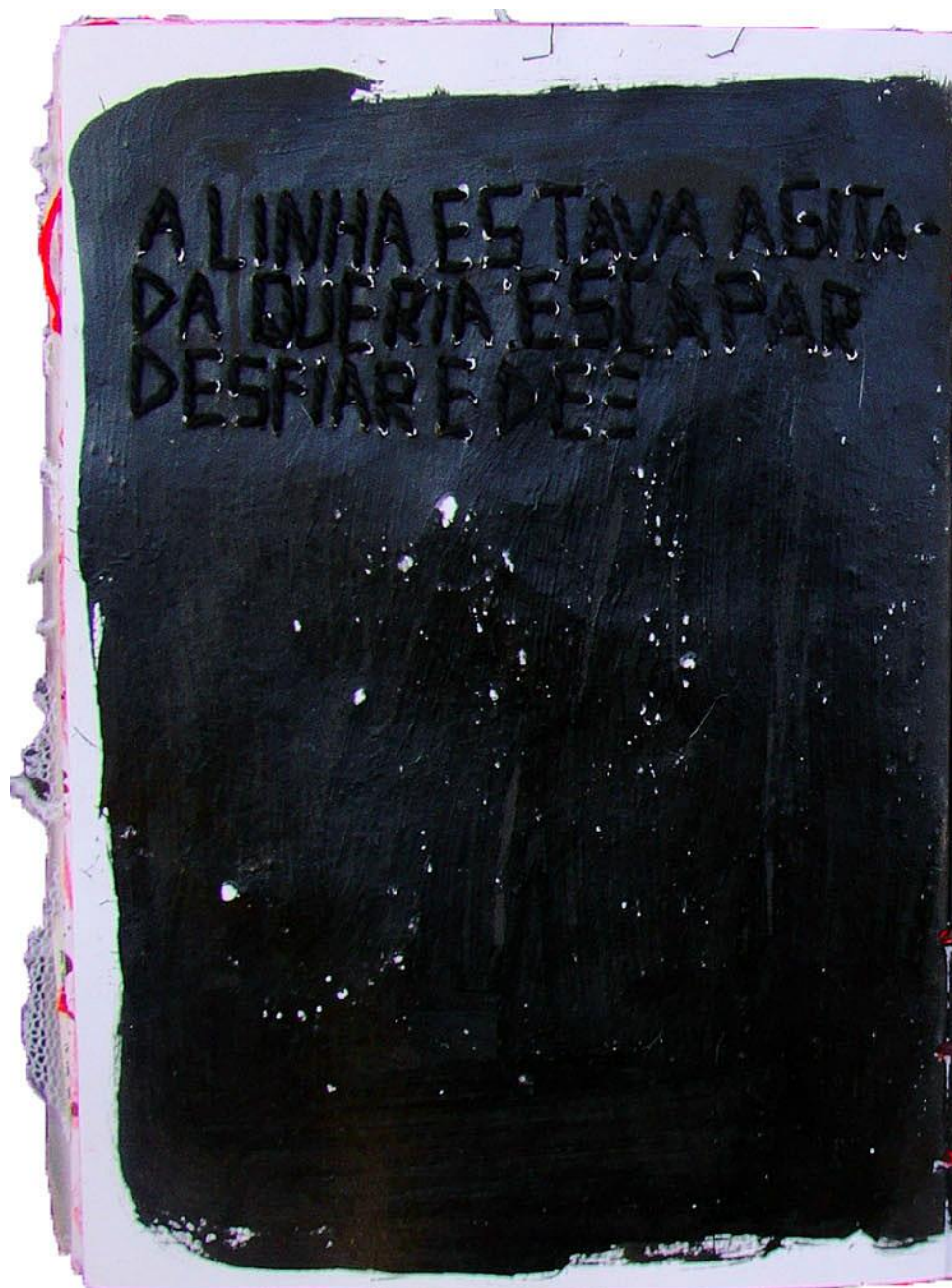
ESTOU-LHE ENVIANDO ESSA CARTA PORQUE
RESOLVI-TE AGRADECER.

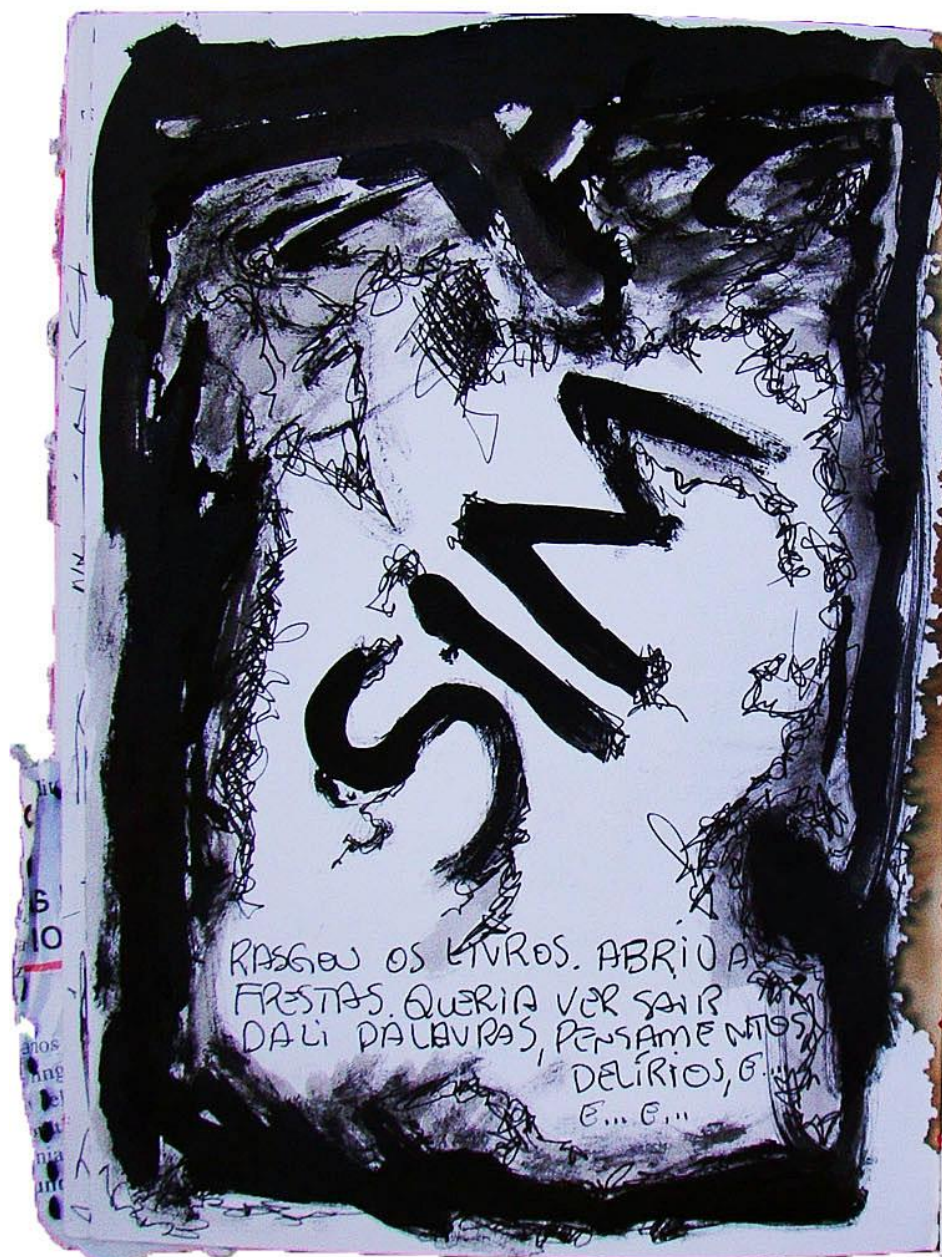
GRACAS A VOCÊ O MUNDO HOJE TEM SEUS
ALTOS E BAIXOS. VIVEMOS COMO FORMAR
UMA CIVILIZAÇÃO E NOS COMPORTAMOS PE-
LA. AO LONGO DO TEMPO A SOCIEDADE SE
DESENVOLVEU, TEM MAIS RECURSOS PARA A
VIDA. SURTIAM, E HOJE, NOVAS TECNO-
LOGIAS. QUERIDO ANCESTRAL VOCÊ FOI QUEM
DEU O PASSO INICIAL.

TOCOS NOS SOMOS E HOJE MEUS GRACAS A
VOCÊ, POIS SEM SUA IDA NADA DISSO
QUE VIVEMOS HOJE SERIA POSSÍVEL.
NÃO O QUE TEMOS HOJE É PENSANDO EM
VOCÊ. GOSTARIAMOS DE VOCÊ, NOSSO ANCE-
STRAL, SEJA SEMPRE ABRAÇADO.

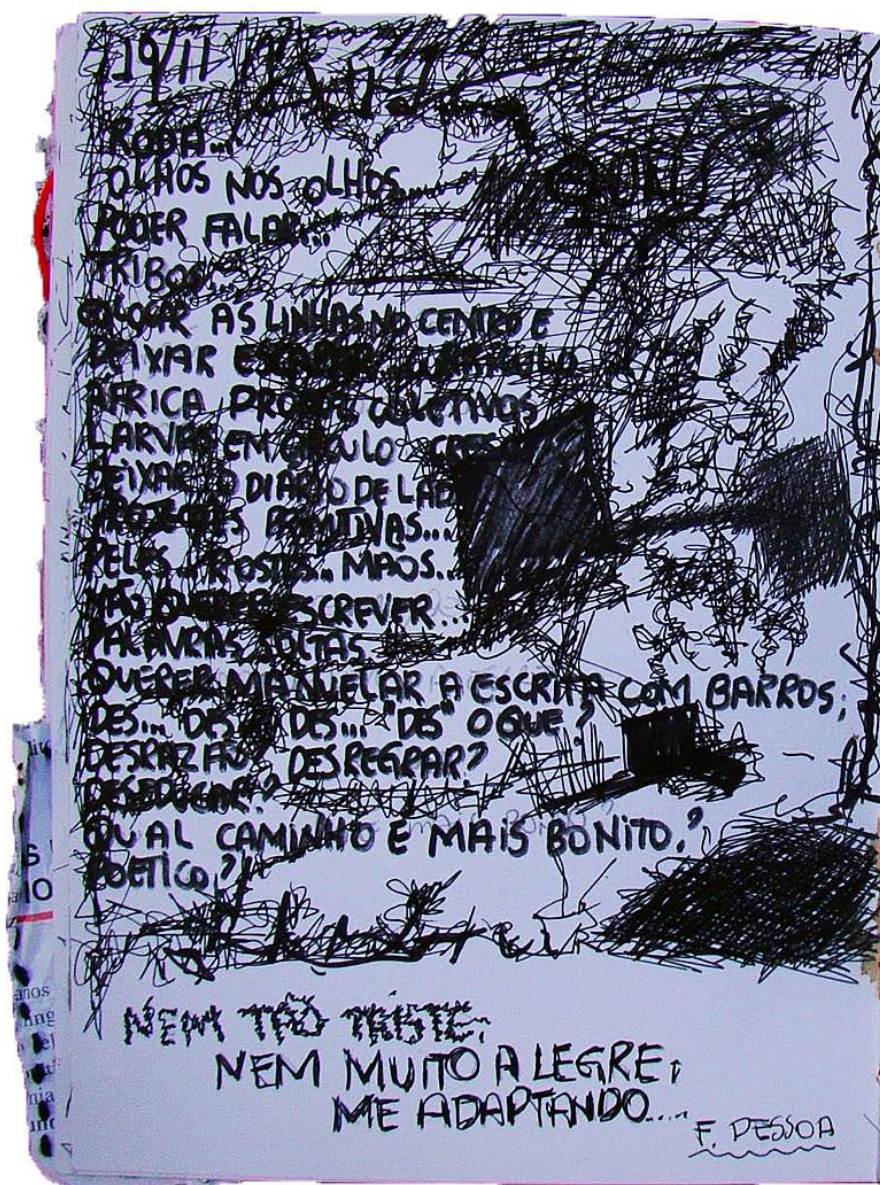
TE AMAMOS.

F. e J.



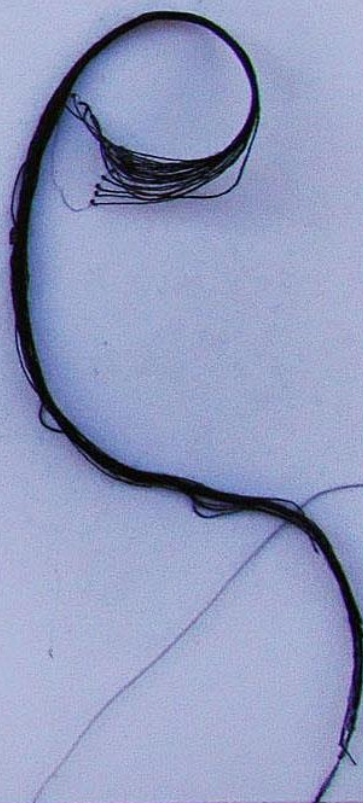


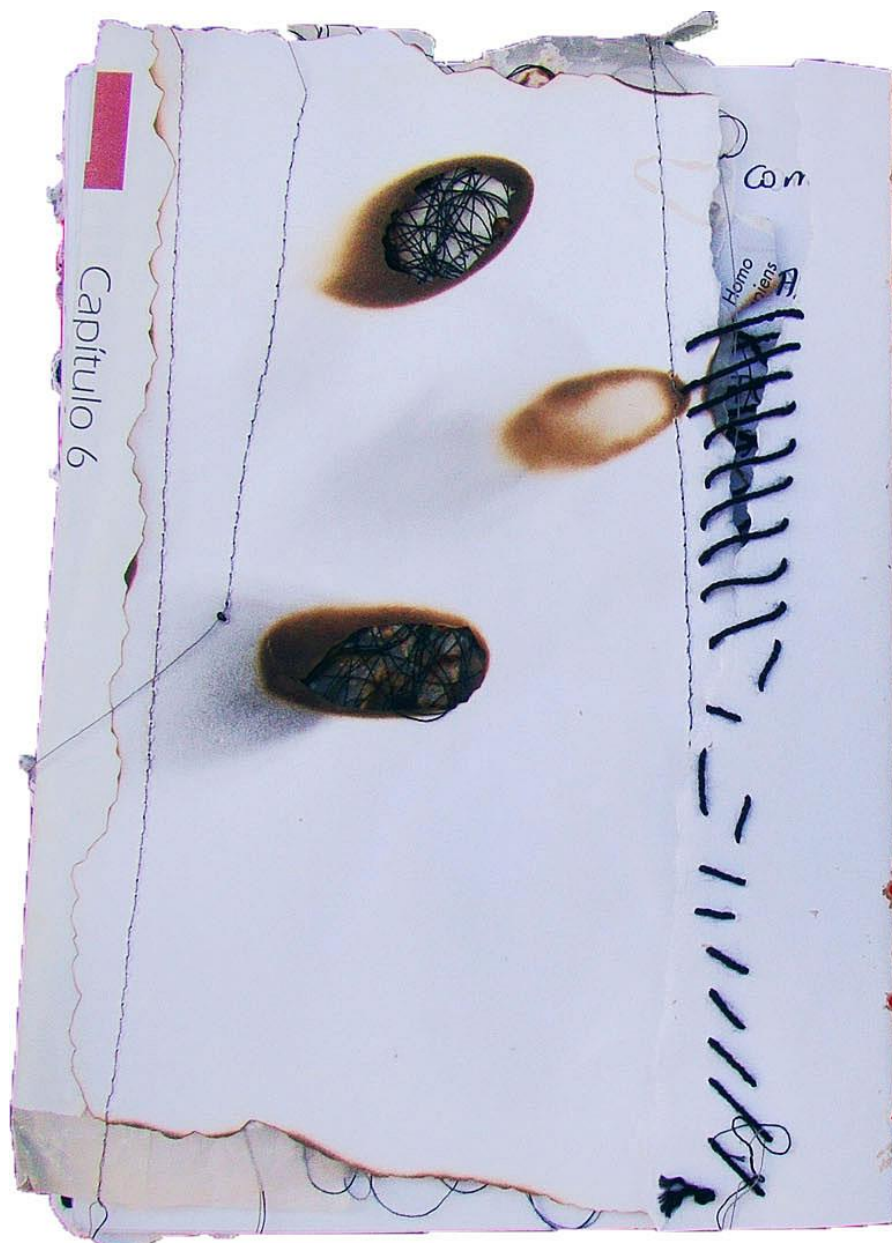
RASGOU OS LIVROS. ABRIU AS
FRESTAS. QUERIA VER SAIR
DALI PALAVRAS, PENSAMENTOS,
DELÍRIOS, E...
E... E...



21/11

VAREJAR PELOS MARES DE ADRIANA.
ABRIR AS CARNES DA COLONIZAÇÃO E
MERGULHAR EM LABIRINTOS DE POSSI-
BILIDADES. ESGOTAR O PESAMENTO DA
CARNE, EXPOSTA AFIM DE ESCREVER
SOBRE A ÁFRICA.







15/12

A ARANHA QUERIA PROPOR ALGUMAS
IDEIAS

TINHA LIDO MUITO SOBRE UMA CARTA-
ANTROPOLOGIA DAS LINHAS.

LINHAS, TRACOS, PONTOS, CAMINHOS QUE FA-
ZIAM PARTE DA VIDA.

A VIDA É VIVIDA AO LONGO DE LINHAS..
EVOLUÇÃO

CULTURA

CREAÇÃO

MEMÓRIA

PENSAR O QUE PODE AS LINHAS, ESSA
ERA A SUJESTÃO DA ARANHA. QUERIA
PENSAR A POTÊNCIA DOS FIOS DENTRO
DA ESCOLA.

UNIR OS ALUNOS COM LINHAS TECIDAS COM
O CORAÇÃO, ALEGRIAS, POR VEZES, (IM)POSSÍVEIS
FORMAR REDES DE COLETIVA.

COLETIVO

ESCOLA

CULTURA

FORÇA

ESCOLA

CULTURA

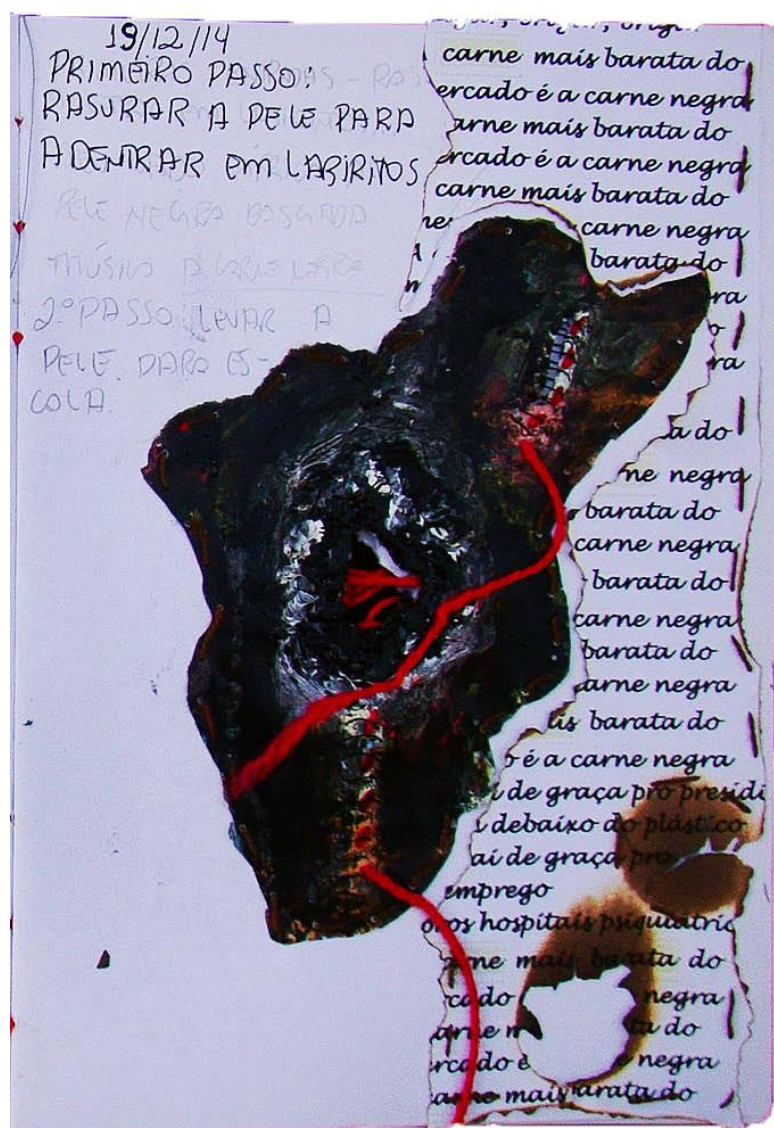
COLETIVO
UNIR

11/11

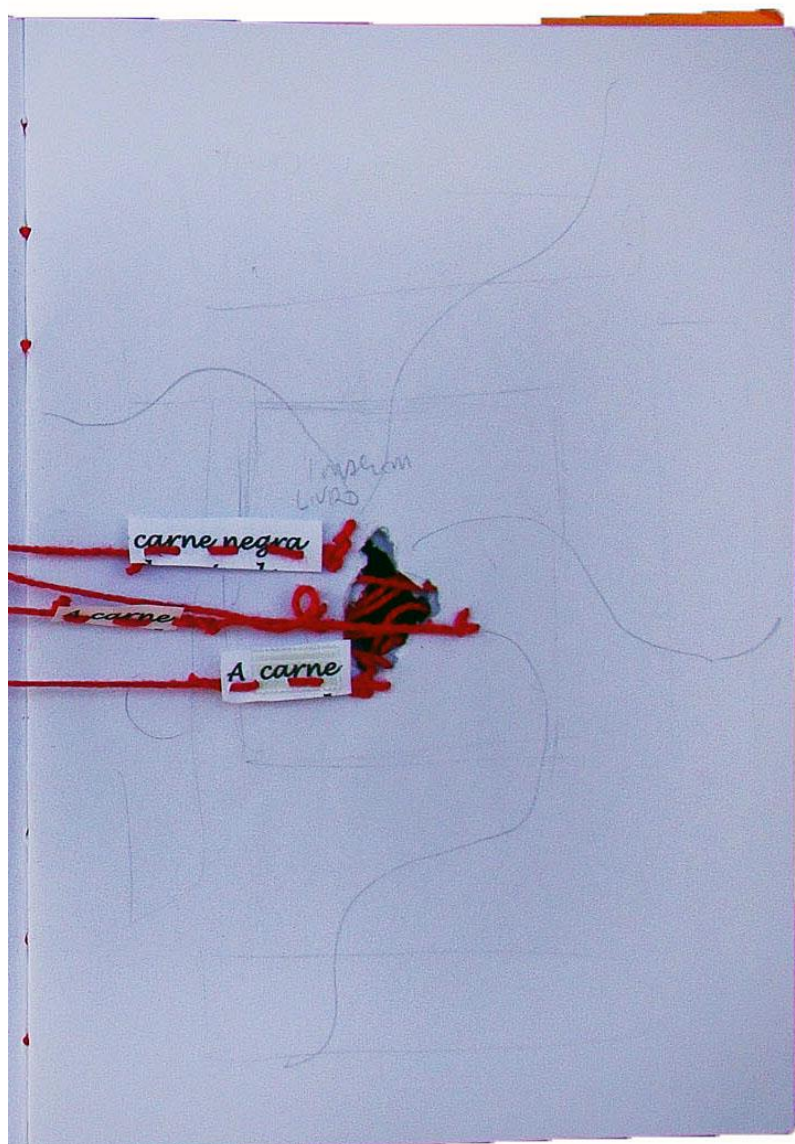
Foi Bop. Saímos do cotidiano já dado e entramos em um
 convênio de criação com África...
 As dúvidas a experimentação começaram por que em Roda?
 Porque no Chão? O que tem haver a África com isso? mesmo
 não o estranhamento começou, por que em Roda?
 A cultura africana dedi para que sentassem no chão
 em Roda? Rimas conversas sobre os
 alunos hoje colocou





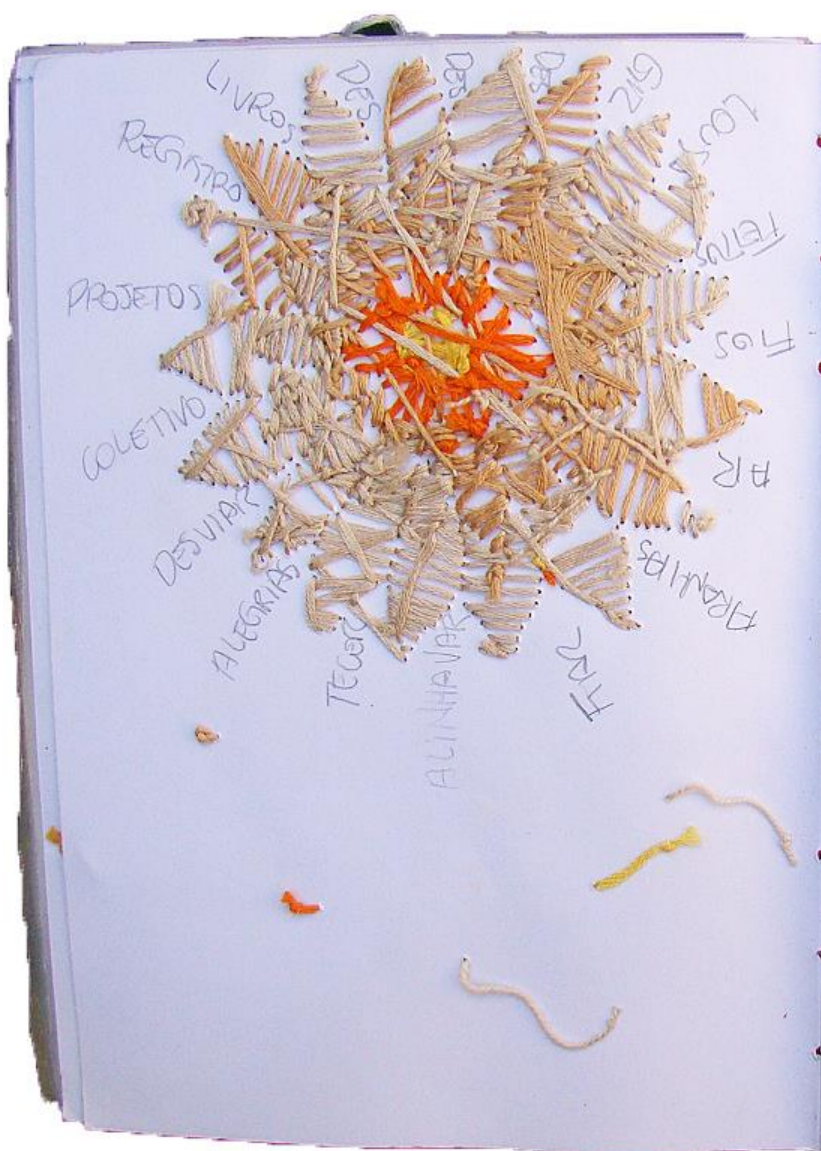




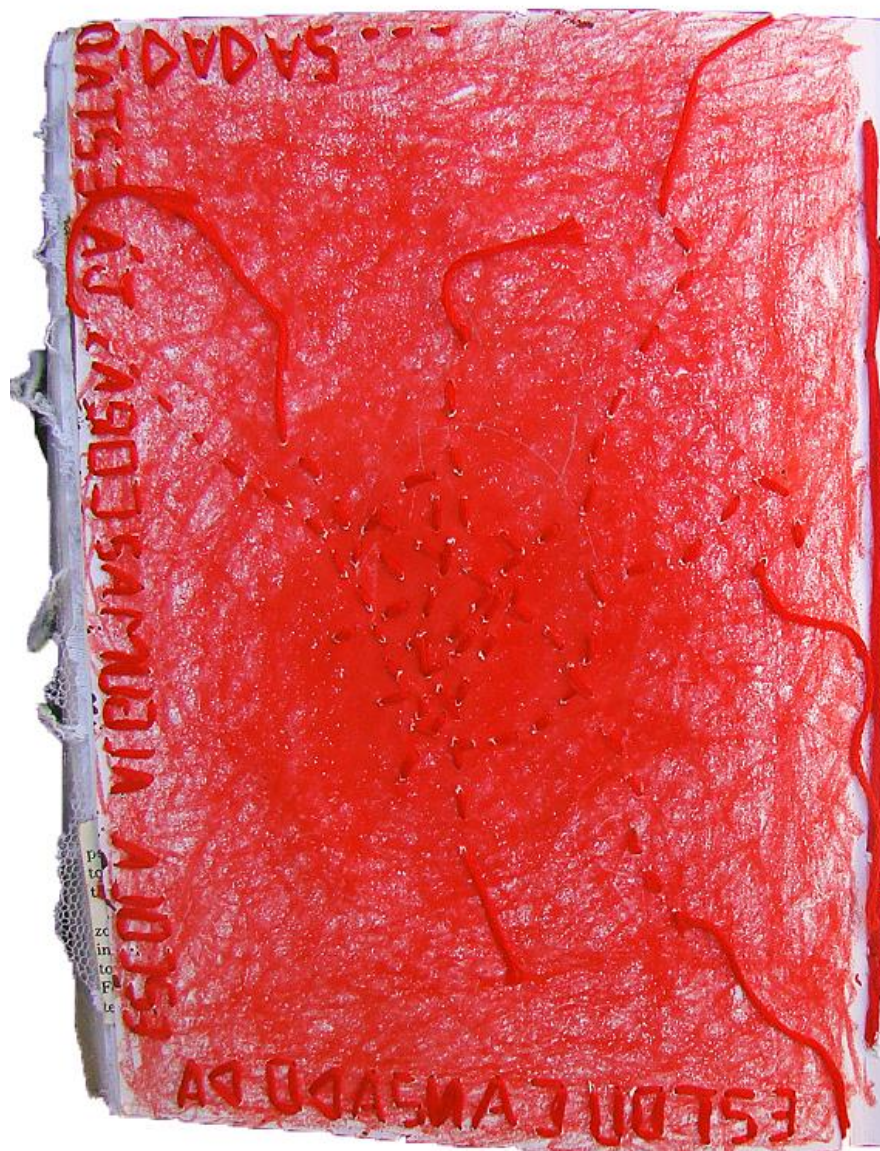




















A ACHOFE FUI ATÉ A ACHOFE
 DA DIRETA, ACHOFE. PES-1105 / 110
 COLODO ACHOFE FUI ACHOFE
 ISSO SABER O ACHOFE ACHOFE
 DOS QUE ACHOFE DE -
 A ACHOFE COM O ACHOFE MUITO
 MUITA LUGOS SOBRE A ACHOFE ACHOFE
 ESSE ACHOFE ACHOFE ACHOFE
 FIQUE FELIZ, RIX
 LUGOS ACHOFE MUITO ACHOFE
 SEM ACHOFE DE ACHOFE ACHOFE
 GROS ACHOFE ACHOFE FOI
 ME MUITO ACHOFE
 ACHOFE DORANTE ESSE ACHOFE
 TRA ACHOFE FIQUEI
 DRS MAIS FELIZ, DESCOBRI
 ENQUE VAMOS TRABA-
 MENTAL COM FRIDA
 TEN KAHLO. ESSA PENS-
 TA TEM ILUMINADO
 DO MEU CAMINHO NO
 CAMINHO. SEU DIS-
 RIO NO VIMEIA
 MEUS PENSAMENTOS.

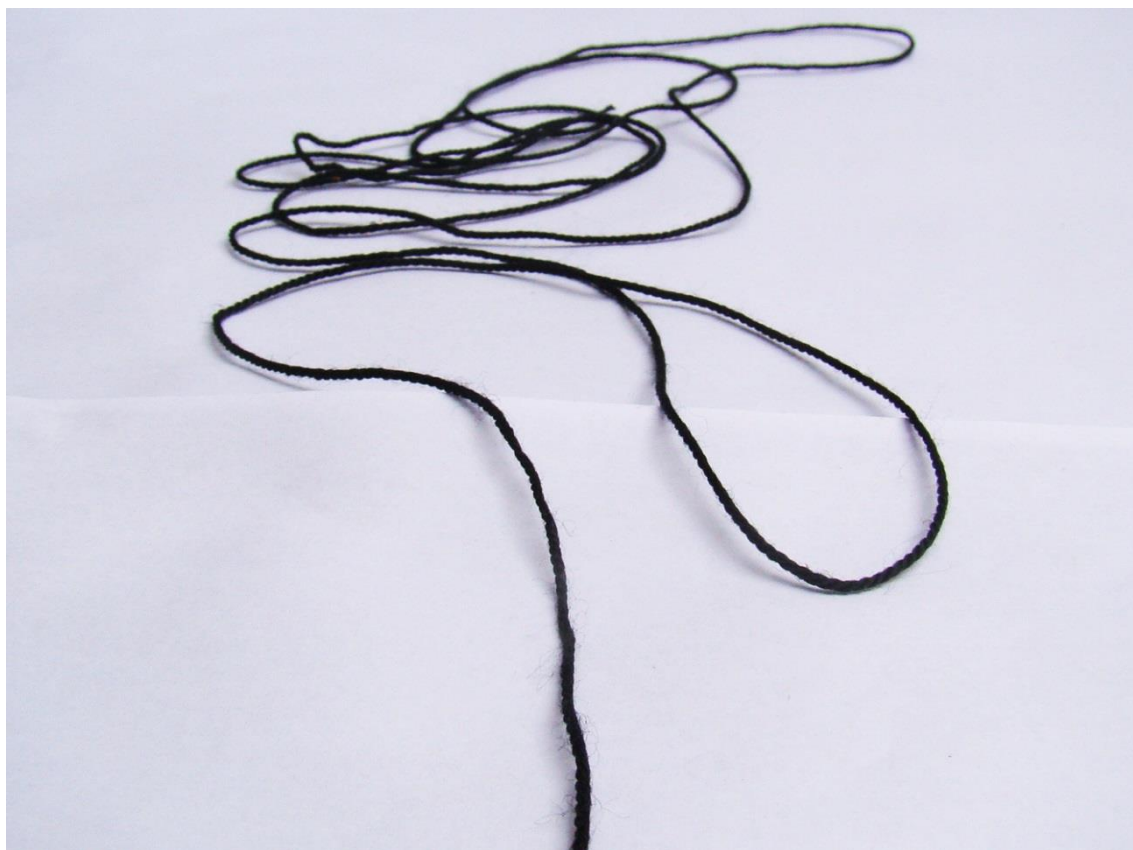


1.2 VOZES TRAVESSAS ALINHAVAM VENTOS

Continuava seus registros. Percebeu que o devir permitia a ele-ela-aquilo trabalhar melhor com sua escrita. O devir se tornou meu método de trabalho. Ser sempre outro de novo e de novo e...

Mas ainda não havia acabado. Foi então que...

...“certa manhã (...)”, “ele-ela”, “(...) acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado” (KAFKA, 1997, p. 5) em uma longa e sinuosa linha. Fina, extensa, embaraçada e de cor preta, permaneceu no chão. Aos poucos foi encontrando maneiras de se mover em seu novo corpo. Em corpo de linha, eram muitas as “há prendizagem com xão⁹”, foi assim que passou a ver e sentir o mundo diferente. Arrastando pelo chão da casa ou da escola, observava o mundo de forma outra. Desacostumava o olhar. Sentia que agora, para ela, as coisas desejavam serem vistas



⁹ Título do livro *Há prendizagens com o xão (o segredo úmido das coisas e outras descoisas)* do autor Africano Ondjack. 2011.

com uma certa desutilidade poética. (BARROS, 2010, p.339). A longa e enrolada linha, sentia-se muito contaminada pelas desnecessidades artísticas da escrita de Manuel de Barros.

“Embraçada” por Manuel e Ondjack, começou então a (des)fiar um trabalho árduo para o desnecessário. Divagou consigo mesma, o “que presta não tem muita confirmação, o que não presta, tem” (BARROS, 2010, p.338). Divagou um pouco mais: meus materiais descartados têm confirmação para a inutilidade. Pensou agora em divulgar, ora, se é assim, por que não levá-los para a sala de aula, a fim de explorar e experimentar suas potências poéticas “desnecessárias”, e fazer deles, materiais não dados, que desejam estar abertos a experimentação e pensamentos outros sobre cultura africana na escola.

- *Como começar a fazer?* - questionou.

O primeiro passo (melhor dizendo, o primeiro rastejar) da pequena linha-professora-criança foi se enrolar nos livros e rastejar com eles até a escola. Não foi fácil chegar até lá. Ninguém pode imaginar quantos obstáculos podem surgir no caminho de uma pequena linha.

Lá chegando, os alunos acharam muito estranho uma linha negra toda embaraçada entrar na sala enrolada em um punhado de livros novos e velhos. Porém, logo a aceitaram, mas não sem fazerem muitas perguntas:

- *Por que linha, professora?*

Empolgada com as palavras e produções anteriores, a professora-linha propôs outra atividade, com os segundos anos do ensino médio de uma escola pública que lecionava, sobre a cultura africana. Para esse dia, levou páginas soltas dos atlas descartados. Pediu que os alunos formassem grupos e distribuiu mapas¹⁰ do continente africano, entregou também linhas da cor preta e disse que iriam continuar as atividades sobre a África, agora com mapas do continente africano. A mulher propôs que os estudantes encontrassem maneiras outras de apresentar o mapa daquele continente, usando linhas de costura.

A professora começou a explicar. Perguntou: *Como é possível, com linhas de costura, criar outra forma de apresentar a África?*

¹⁰ Os mapas usados em aula pertencem ao Geoatlas de Maria Elena Simielli. Editora Ática, 1996, São Paulo - SP

Diante da proposta, algumas imagens, palavras e sons começaram a aparecer:









Já era noite...

Estava pronta para dormir, mas sem sono, estava muito empolgada, sentia vontade de se contaminar mais com aqueles mapas desfiados. Queria mais e mais e mais e... Aquilo era vital para ela.

Mais devires...mais...

“...criança mulher professor animalivro negro linha...”

Lia Deleuze e Guattari e dizia para si mesma:

“Devir não é certamente imitar (...)” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.9) é involução... “ir em direção ao menos diferenciado” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.9). Era isso, aquelas palavras diziam sobre ela.

Criação...criação...criação...

Dormiu? Aquela noite seria povoada por experimentações incertas, agitadas, contaminada e embaraçada por palavras, imagens e sons de Deleuze e de Kafka e de Virginia Woolf e de Manuel e de Barros e de Melville e linhas e...

Linhas...e..

Involução...e linhas...linhas

sempre desejosas de fuga...de uma involução que permita um vir a ser outro.

Seus sonhos... (seria mesmo sonho? certamente não! Devires são reais!)

Parou. Começou de novo:

Suas divagações iriam ser percorridas por caminhos que a conduziria a um lugar perdido, “depois do horizonte” (COUTO, 2009, p.20). Um mundo “despido de gente, sem estradas e sem pegadas de bicho”, lugar “sem nome, sem geografia e sem história” (COUTO, 2009, p.20). Naquele momento, sua vida seria percorrida por muitos Eles que eram também Elas que eram também Aquilo que eram linhas e ventos e...

2. SEGUNDAS DES...: SOPRA UM VENTO QUE (IN)VENTA MUNDOS¹¹

Ali, na beira do horizonte nasceu um vento.

Não era um vento qualquer.

Era um ventar que abria mundos.

Em cada rajada,

amanhecia,

poéticas estradas,

descaminhos para o coração.

Do horizonte veio aquele vento,

o vento me trouxe as linhas

as Áfricas...

Comecei a (des)costurar as cicatrizes,

deixei o peito soprar

ventava dali

silêncios, caos, vazios, inutilidades, ciscos,

¹¹ Esse capítulo é uma poesia baseada nas obras de Manuel de Barros.

folhas, fios, palavras, imagens, sons e
outras coisas que ainda
não tinham
nomes

o vento vinha (des)costurar minha escrita

arrancava do meu peito linhas e agulhas
para coser um faz de conta que ainda não é.

era um ir e vir de (des)palavras sem fim...
o vento

queria me mostrar o descomeço

onde tudo começava
onde tudo delira

onde Manuel escuta cor do passarinhos

onde moléculas fazem comunhão Clarices
onde o cheiro das linhas é desenhado no céu,

onde aranhas acasalam com palavras

e nascem
agulhas bordadeiras de asas de borboletas

3 – TERCEIRAS (DES)COSTURAS: A TRIBO DE ANTES DO MUNDO NASCER

“Ela tentou olhar o lado esquerdo, mas uma montanha a separava. Ele fez o mesmo para o lado direito, mas a mesma montanha o impedia. Cada um contemplou o seu lado, reconhecendo-se incapaz de transpor a montanha”.
(PEPETELA, 1995, p. 11)

... **“aquilo”** soprou com mais raiva do lado **“Dela”**. Preferiu fechar-se a dor dos ciscos que a faziam chorar. Escureceu-se por alguns segundos em sua silenciosa solidão. Passou a rajada. O escuro retirou-se e voltou a luz naquela metade a qual pertencia. Do outro lado, a poucos centímetros dali, depois de uma elevação, estava **“Ele”**. Nesse lado, o vento não foi forte. Pode permanecer aberto a continuar suas observações.

Entre **“Ele”** e **“Ela”** estava sempre passando “muitas seres, vindos de outros mundos, trazidos pelo vento” (DELEUZE; GUATTARI. 2014, p.24) a essa corrente de ar inquieta e contaminada chamaram, **“Aquilo”**. **“Aquilo”** não se incomodava tanto com a presença dos seres que carregava, “as coisas para ele tinham uma desutilidade poética” (BARROS, 2010, p. 329), “estava sempre inventando truques para fabricar brinquedos com palavras” (idem). Além do mais, vivia dos prazeres dos empurrões ventados que o percorriam. Os três seguiam a vida em expedições pelo mundo.

- *“O grande quintal”*. Como **“Ela”** costumava dizer.

- *O que disse?* Perguntou **“Ele”** tentando desviar seu campo de visão de uma elevação a fim de poder vê-la.

- *Estamos nós mais uma vez em nosso grande quintal, o mundo.*

“Ela” não quis dizer, mas havia se lembrado de trechos de livros de Ondjak. **“Ela”** se contagiava com as palavras do poeta: “o mundo um quintal com compartimentos separados, por água e fenómenos como tempestades”. (ONDJAK, 2010, p. 19) Adorava a vida que levava, poder observar esses compartimentos, compostos de países, outras culturas, a natureza fazia com que ela sentisse inundada por sensações prazerosas.

Estavam há meses nas profundezas secretas da África. **Ele, Ela e Aquilo. Ela**, sempre do lado esquerdo, uma observadora poética. **“Ele”** fixo em seu canto, um espectador atento, grande catalogador. **“Aquilo”** sempre ousado, atrevido. Seguia à frente, em busca de novos ares, novos modos de experimentar.

O objetivo dessa nova expedição era encontrar uma tribo há muito tempo esquecida, “*A tribo do fim do mundo*”, como era conhecida e cuja característica mais fortemente marcante era a presença de máscaras. Seguiram seu caminho arrastados pela expectativa do encontro com o outro.

Deixavam claro que não tinham intenção de colonizadores nem queriam vê-los como colonizados. Pensavam apenas em abrir clareiras, para pensar e experimentar trajetórias outras entre as culturas. O encontro para eles era parte fundamental daquela aventura. Seria uma maneira de por em movimento pensamentos e sensações que não aqueles já enraizados, prontos. Tinham em mente que aquela aventura seria uma possibilidade de mobilizar outras formas pensar, sentir e existir pelo devir.

Mais um dia na vida. O sol preparava sua lenta descida. Um cenário poético em meio à floresta. Na linha que cortava o horizonte, o astro luminoso já tocava as pontas dos galhos das árvores. Um gesto carinhoso. Natural.

Chega à noite e com ela as estrelas. A escuridão do céu coloca medo. O breu é sempre um desafio. **Ela** e **Ele** ficam atentos aos passos do caminho. Procuram um lugar tranquilo. Precisavam descansar. Escondem-se. Esperavam pelo retorno do sol. **Aquilo** não descansava, para ele, ar é vida, é “organismo onde todo menino pode apertar parafuso”. (BARROS, 2010, p. 405)

Na manhã seguinte, em um rápido instante, eis que surge diante deles outro olhar. Eram eles. Os outros. A humanidade esquecida, a tribo perdida que estavam procurando.

Aquele momento foi único. **Ela** se manteve fixa aquela imagem, mesmo sem muitas palavras e gramáticas para explicar, deixou-se apenas se contaminar. Era um momento de sensações.

Passado aquele instante de contemplação. Algumas palavras engasgadas começam surgir.

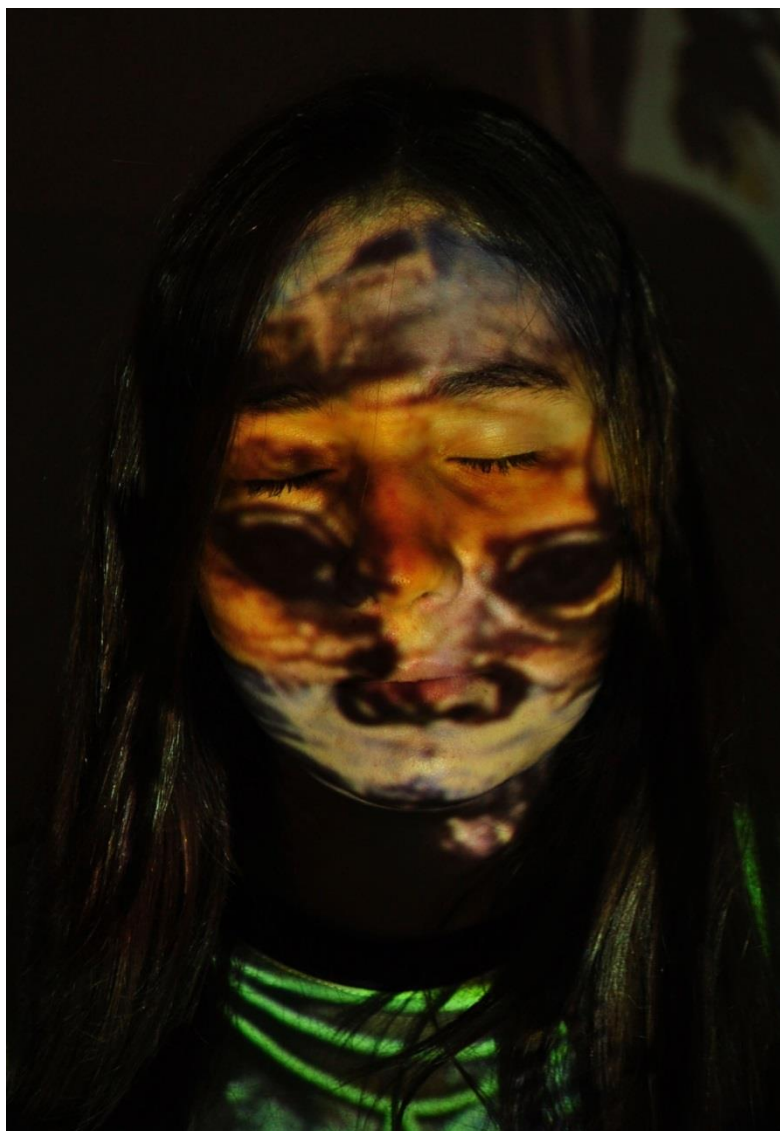
- *É...li...é.. Lindo!* Disse **Ela** com cautela.

Continuou presa àquela imagem.

Parecia ser um rosto pintado com características de animal, homens-tigre e tigre-homens e homens-leopardos e leopardos-homens e.... As cores, em tons de amarelo, branco, laranja e preto, eram fortes e brilhantes. Os olhos eram estranhos, parecia não se encaixar no rosto, havia uma sobreposição de olhares entre animal-homem e homem-animal, dupla captura, devir animal. **Ela** se abria cada vez mais ao contágio que emanava daquele rosto selvagem. Era uma máscara que parecia estar em movimento

vibrante com o rosto. Ali, escondido entre a mata, percebia apenas um, não dava para saber direito.





Eis que, de dentro da selva, aquele rosto emerge. E então **Ele, Ela e Aquilo** podem finalmente contemplar, pela primeira vez, aquela figura de corpo inteiro. Era apenas um.

Após aquele início de primeiras apresentações e contaminações, o humano de face colorida, virou as costas e iniciou uma caminhada a passos lentos. **Ele, Ela e**

Aquilo permaneceram estáticos, sem saber ao certo o que fazer. Foi então que aquela pessoa, que caminhava a frente, parou virou, fitou **Ele**, **Ela** e **Aquilo**, como se quisesse que o seguissem. Ele os conduzia por dentro da floresta, rumo à tribo. Um lugar secreto, perdido, onde o mundo terminará e eles permanecerão os últimos sobreviventes (COUTO, 2009, p.11). Chegaram enfim.

- Então é aqui.

Eis o lugar que surgiu antes de nascer o mundo. Pensou **Ela**.

Ali estava. A humanidade que tanto procuravam. Não eram muitos, mas unidos.

Estavam distribuídos em um terreno circular, onde se achavam construídas pequenas ocas feitas com restos da natureza. A proteção do lugar se dava por grandes árvores e plantas de todos os tipos.

Quando viram o espaço, **Ele** e **Ela** se abriram completamente. A parte circular e negra de seus olhos se dilataram. Excitação. **Ele**, como era um importante observador, começou anotar e riscar, palavras, imagens e sons. Aquelas anotações faziam parte de sua metodologia que consistia em, primeiramente, pouco antes do início da expedição, na produção artesanal de um pequeno bloco de notas feito a partir de folhas velhas. Essas eram cortadas ao meio, dobradas e, por fim, para que não se soltassem, costuradas com linha e agulha. Um processo artesanal.

Naquele pequeno caderno, eram anotadas palavras, frases, pensamentos, sensações, encontros e experimentações. Os registros, naquele pedaço de papel, eram soltos, largados às velocidades e lentidões de ventos contaminados por partículas Deleuzianas. Queria **Ele**, que a escrita não seguisse uma ordem precisa, mas sim a de um emaranhado caótico de palavras e imagens.

As palavras, imagens e sons riscados, rasgados e rabiscados naquelas folhas, não desejavam ser compreendidos como uma escrita formal (ALBUQUERQUE, 2011, p.389), pelo contrário, faziam parte de seu sistema de seu trabalho. Para **Ele**, registrar o não-dado daquilo que já está dado (DELEUZE, 1997, p.55) era um processo de experimentação que se pretende estar longe de formas já prontas ou semelhantes. Certamente, copiar não era seu caminho. Seria um devir-planejador?

Observando, com uma mistura de espanto e interesse, começou a (des)enrolar em a sua mente um caótico novelo de linhas, eram nomes de livros misturados a frases, imagens, sons. Rapidamente começou a tecer, em seu pequeno bloco de folhas, alucinados fios-palavras, fabricados a partir daquele momento de contágio o qual estava sendo atravessado.

Os viajantes foram levados ao centro da tribo. Não tardou muito, formou-se em torno deles uma roda de pessoas. Rostos mascarados com olhos inquietos, que pareciam andar pelos rostos, fixaram-se, vozes, gestos lentos, sons, movimentos, curiosidades. O que queriam eles na tribo? Afinal, naquele lugar escondido só chegavam ventos, poeiras, árvores, rios, pássaros. Aquela era uma terra onde Cristo não havia sido crucificado.

Ela, sensível a tudo aquilo. Tomou o bloco de notas emprestado e começou a fazer também suas anotações, muito semelhante às **Dele**.

Passado aquele momento de primeiros encontros. Uma pergunta começa a ser tecida no pensamento **Dela**. O que pode a África? Pensava que aquelas experimentações, que estavam vivendo, poderiam ser ricas em pensamentos e sensações outras.

Atordoada por aqueles questionamentos, **Ela** sente que está se desfiando em seu pensar algumas divagações. Ou seria divulgação? Pensou **Ela**: o que pode essa África, por exemplo, na escola? Essa pergunta começava a ser costurada em seus objetivos futuros. Ela começava a alimentar a ideia, de que aquela África tribal escondida, poderia ser vivenciada e experimentada, com finalidade de produzir pensamentos-sensações que dão forma ao querer, ao achar, ao sentir, ao criar devires outros no próprio pensamento. (NOVAES, 2014, p. 29-40).

Anotou suas divagações em palavras, imagens e sons em seu pequeno diário. Continuou a exploração. Uma das coisas que chamavam a atenção **Dela** eram as máscaras usadas pela tribo. **Ela** desejava conhecer, ver mais.

SEGUNDO DIÁRIO



[illegible]

NO JARDIM DE ELIZABETH SÃO OS VOLUMES
 E SE ACHAMINHOS POR ELAS
 MASQUERADAS ALMA DO P. MASQUERADO NO
 VARELSE COMO UM ALMA DO TEXTO TOP SUPORTA
 COMO CAPS-TRUCA DE
 UM COLETIVO ENCONTRO.
 WARRIOR COLISTRO
 BIAVE DE MÓDULO
 MASQUERADO COMO
 PIANO D'ELMISTE
 RECUROS
 QUARTO

COSSUPAR AS IMAGENS / LUZ DO SOL
OBSO NID MOSAICO
NÃO É PO MESMO
TEMPO, SEVERO E
SERVO, TANTO E
PUSSIL, MANDAR
ABISMO, VOA
PEREJELIA
MMA NA RU
DEVIR-MSUA
SEMPRE= PAUS. C
TORNADO UM NOO
ZONAS DE

VENTO
PENSAR
CANOIA
150 PPS
O CROCO
MOSAICO
COMO POSSIBILIDADE DE VEM
DEUTER
102 O DEUTER
OBSERVA DE MOSAICO
MOSAICO E PAUS E PAUS
COMO SERIA P ESCRITA DOSSUPAR









Afinal, aqueles artefatos fazem parte de uma tradição antiga. Esse elemento da cultura africana era para **Ela** algo místico e curioso. Segundo **Ela**, uma das magias daquele adorno estava no fato de que, quando olhamos para alguém mascarado queremos saber o que está oculto, escondido, há algo ali, que não quer aparecer. Mais do que isso, a máscara, pensa **Ela**, é um elemento de interstícios, que se dá no “entre”, entre rosto-animal-máscara e máscara-animal-rosto. Um espaço que é marcado por um ventar incontrollado de forças que estão sempre em estado de repulsão, atração, criação, involução, (DIAS, 2002, p.112) onde olhos, boca e nariz estão sempre a dizer: Sim! Não! Sim! Não!

Passaram poucos dias, mas os vislumbres, os silêncios, as experimentações, o conhecimento, as sensações, as contaminações seguiram de forma intensa. Então chegou o dia tão esperado. A experimentação das máscaras. Um momento muito aguardado por **Ele** e muito devaneado por **Ela**. Aquela cerimônia só podia ser feita em um dia certo. Uma ocasião em que apenas o vento podia dizer. Era preciso esperar que um ventar místico e poético percorresse a floresta e se contaminasse com partículas e moléculas, de animais, árvores, folhas, ciscos, formigas.

No dia esperado, foram então levados a um lugar secreto. Uma casa toda fechada feita com barro, com telhado de folhas e galhos de árvores. Aquele espaço tinha apenas uma porta, que logo iria ser tapada, e um buraco na parede que lembrava uma janela. Essa pequena abertura retangular, media aproximadamente, 10x20cm e tinha o objetivo de seguir o movimento do nascer do sol. Luz e vento vazavam por ali.

As rajadas de vento contaminadas com seres da floresta já estavam dançando pelo lugar. Era um ventar em velocidade e repouso que se dava por todos os cantos. Era um ar carregado de desejos de compor com aquelas pessoas *outras coisas*. Devir-(e)vento.

Ali dentro, **Ela** não escondia sua emoção. Já **Ele** observava tudo atentamente. Tudo era registrado em seu diário¹². Alguém da tribo pede que eles se posicionem no lugar marcado, onde o foco de luz que vaza pela janela forma um retângulo no chão. Ali

¹² Para essa dissertação foram produzidos, artesanalmente, diários inspirados no diário de Frida Kahlo. Neles eram registrados palavras, imagens e sons das experimentações com Áfricas nas escolas. Em um primeiro momento, os diários se mostravam muito didáticos, porém com o passar do tempo e com o contato com as experimentações, as anotações tornaram-se caóticas, tempestuosas e impossíveis. Os diários foram de suma importância, pois no turbilhão caótico das palavras e imagens que neles eram registradas, encontramos a força para descrever o que estava sendo produzido nas salas de aula.

seria a posição correta em que a luz do sol incidiria direto no rosto. Seria este o lugar em que **Ele** e **Ela** deveriam se colocar.

No instante seguinte, a luz, que vinha de fora, começou a buscar o rosto daquele adulto ereto e estático.

Era preciso arrumar o rosto na luz para que a face fique corretamente marcada pela luminosidade. Feito isso, aproxima-se um homem, o mais velho da tribo, ele se posiciona entre a janela e a pessoa parada. Era o início do processo de composição entre partes de máscaras com o rosto. O que se via eram projeções de imagens coloridas naquela face que se colocava parada em frente à máscara. Era incrível, pensava **Ela**. Eis que uma dúvida paira no ar. Quando saber quais imagens ficariam melhor no rosto? A resposta a essa questão era dada por alguns membros da tribo que ficavam ao lado observando o processo de sobreposição.

Diziam os mais velhos que o momento em que se sabe que uma máscara é a certa, é quando a imagem projetada se avizinha com a face da pessoa. Nesse súbito instante, acontece uma mobilização “violenta de afectos que acarreta uma grande confusão de sentimentos” (DELEUZE, 1997, p. 58) que, por sua vez, leva ao processo de composição máscara-rosto, rosto-máscara, um fenômeno de dupla captura. A maior parte das máscaras que eram colocadas sobre o rosto, representavam animais ou coisas da natureza.

Ela estava ansiosa, queria experimentar, sentia que o coração desejava a composição de algo outro, seria animal ou quem sabe vegetal: árvores, galhos, sementes, folhas ou então terra, vermes. No instante seguinte a esses pensamentos, **Ela** percebeu um objeto-máscara sendo colocado no foco de luz que saía da janela. Sentiu bater de frente um sopro forte e quente. Era um ventar lento e veloz, trazendo moléculas, partículas diversas, desejosas de composição outras. Os mais sábios da tribo diziam que a composição máscara-rosto-animal, máscara-rosto-vegetal, máscara-rosto-verme, pode ser muito variada, o importante é que ninguém se torna animal por semelhança, mas sim por emissão de corpúsculo que entrem em relação de movimento e repouso com partículas outras trazidas pelo vento. Ninguém se torna um animal, por exemplo, senão molecular (DELEUZE, 1997, p.67). A composição, para os mais velhos, só podia ser feita com todas as forças do coração. Era isso que estava acontecendo naquele rosto. Partículas trazidas pelo vento estavam se avizinando a fim de compor o novo.

Já era possível perceber algo surgindo. Era uma mulher e também homem e tribal e animal e todas essas coisas. Incertezas. Indeterminações. Características importantes, devires. Fazem com que seja impossível dizer onde está a fronteira entre a coisa o animal e o humano.



3.1 UM POVO POR VIR: DEVIR-MULHER-CRIANÇA-ANIMAL-NEGRO-TRIBAL-LINHA NA ESCOLA

Alinhavada em um canto da sala, a linha desenrolava seus pensamentos. Algo a estava incomodando, já estava cansada do sexo tradicional. Papai-mamãe era a lógica dominante. Sentia-se cansada disso, do mesmo, “da inalterabilidade do mundo” (LINS, 2013, p. 19). Andava pensando na possibilidade de produzir fissuras, abrir brechas, naquilo que já está dado. O sexo foi só um pensamento binário, trazido por ondas de não se sabe onde. Quem sabe da leitura de Virginia Woolf que tinha acabado de iniciar. As ondas. Ondas enlinharadas vazavam daquele livro como uma criatura viva, cuja respiração está sempre no ir e vir. Um balanço carregado de partículas, velocidade e lentidão, de moléculas que desejam outro pensar.

A questão não era apenas o sexo. Era o já dado. Cotidianamente se via incomodada com palavras, imagens e sons já prontos. Pensou em outras coisas de seu dia a dia. Por exemplo, África, afinal era professora de história em uma escola pública. As experimentações a partir da cultura africana eram tão poucas e, muitas vezes, tão prontas que nem sempre sentia prazer em trabalhá-las. Queria olhar para aquela cultura, mesmo que de forma incipiente, e buscar novos caminhos, pensar outros procedimentos que se abrem a outras coisas que não aquelas já conhecidas. Queria se embarçar com partículas-fibras trazidas por ondas da literatura, filosofia e arte. Desejava algo que fosse outro.

Olhou na estante. Algo chamou sua atenção. Um livro. Ali dentro, palavras imagens e sons podiam movimentar, ainda mais, seu pensar. Leu algo sobre máscara, literatura africana e sobre ver o mundo de outra forma, oval. Roubou isso. Buscou outros roubos, agora em Mia Couto. Nele, palavras e imagens ventavam em lentidões velocidades. Foi contaminada por aquelas palavras. Pegou um jornal que estava próximo. Parou os olhos em mais palavras e imagens, agora diziam respeito a uma tribo africana esquecida. O artigo mencionava experimentações com máscaras. Deixou os olhos continuarem a percorrer a notícia até que uma questão despertou sua atenção: O que pode a África? Parou um pouco. Fixou os olhos em um ponto qualquer da estante. Pensou alguns instantes. Estava contaminada. Queria relacionar o que estava lendo e sentindo com a escola. Chegou a uma questão: “o que pode a África na escola?”.

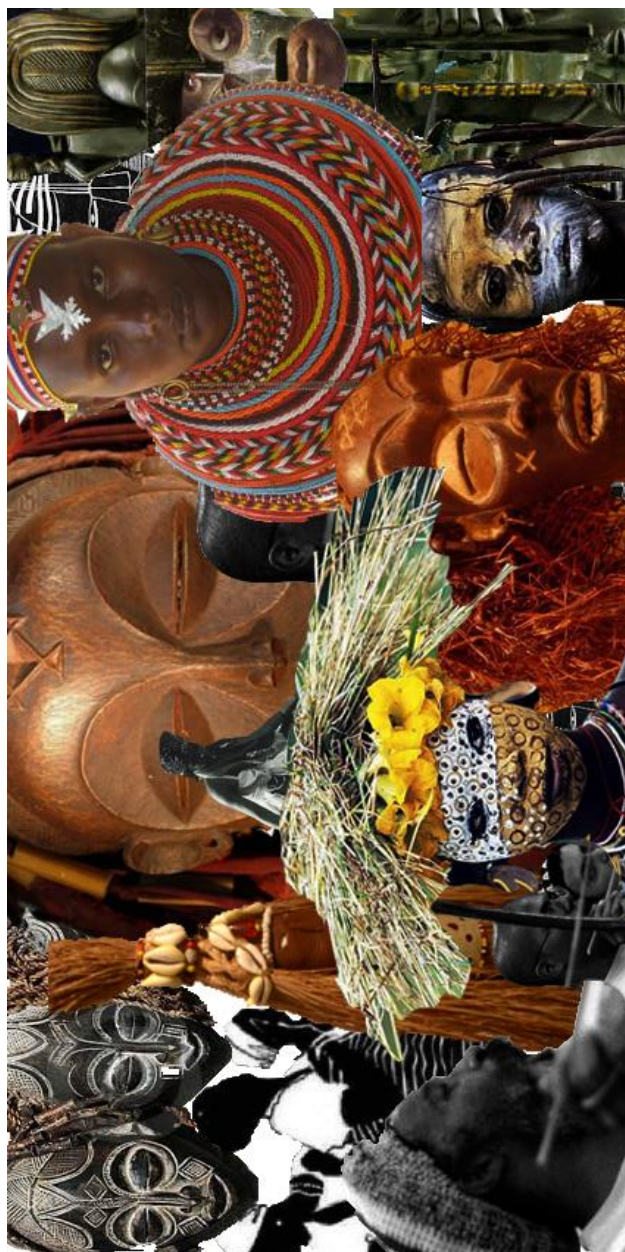
Já era noite. Precisava dormir. Amanhã iria trabalhar muito cedo. O ano estava começando e as aulas na escola já estavam em ritmo acelerado. Ela estava envolvida em

um projeto sobre a África e queria propor, em sala de aula, aberturas para outras experimentações sobre o tema.

Ali naquela sala, em sua casa, contaminava cada vez mais por planejamentos deleuzeanos, Mia Couto, máscaras, notícias de tribos perdidas, escola, linhas, costuras, diante de tudo isso, as experimentações com África, na sala de aula, parecia algo impossível. Não sabia o que fazer nem como fazer. Parou. Respirou. Deixou o ar entrar e misturar mais as linhas de seu corpo, o vento sempre a ajudava. Então, ventou em sua mente algo importante: “o não saber”. O “não saber” como potência criativa. Esse poderia ser seu procedimento de trabalho com as africanidades na escola. Afinal, as impossibilidades criam um campo infinito de experimentações possíveis.

Ela já estava trabalhando a África com os alunos. Em aulas anteriores, havia proposto experimentações com cartões postais, já tinha tomado conhecimento das imagens que os estudantes carregavam com eles sobre o continente. O percurso agora era outro. Queria propor aos alunos que eles pesquisassem e coletassem imagens de pessoas de tribos africanas. A escolha era pessoal. A professora-linha sugeriu que os alunos criassem, no computador, uma pasta e que fossem guardando as imagens nesse arquivo com o nome de cada um. Após o final, a linha-professora passou recolhendo as pastas-arquivos pessoais do computador de cada aluno e armazenando em um arquivo dela. Essa atividade se repetiu mais duas vezes no mesmo dia, pois eram três turmas de oitavas séries, agora denominadas de nonos anos. Após a coleta, a professora começou olhar e reorganizar as imagens. Nesse momento, percebeu que muitas delas se repetiam. Essas imagens despertou a atenção da professora-linha, afinal, pensou, os alunos haviam se identificado com essas imagens. Em seguida, colocou em uma pasta separada essas imagens iguais¹³.

¹³ A composição abaixo é atual, 2015. Foi feita para a dissertação a partir das imagens coletadas pelos alunos nonos anos da Escola estadual Gabriel Pozzi. A seleção das imagens se deu no ano de 2012 durante as aulas de história em Limeira-SP.



Já em sua casa, começou a analisar as imagens coletadas, ficou maravilhada com aquela variedade imagética. Além de esculturas de máscaras, apareceram, também, belas fotografias de tribos africanas, cujos rostos se mostravam pintados à maneira de animais e plantas. Além de outras fotos que representavam a variedade da cultura afro-brasileira, capoeira, candomblé e as danças.

A linha ficou emocionada com aquilo que estava vendo. Afinal, ela tinha em suas linhas ancestrais conexões com a África e com índios, nascida de mãe e pai negros, cuja descendência estava diretamente ligada aos africanos trazidos como escravos para o Brasil no período colonial. Muitas daquelas imagens, recolhidas pelos seus alunos, mobilizavam as fibras de seu coração. Além do mais, deixava-a excitada o envolvimento dos estudantes. Pois, sabia ela, levar a África para dentro das salas de aula é um caminho, por vezes, incerto e que muitas vezes beirava o impossível. Mas, como ela já havia se planejado, o impossível pode ser um caminho e por que não o seu. O impossível como procedimento que se apresenta como um não dado naquilo que se dá. Uma força capaz de produzir no não possível, possibilidades infinitas de pensamentos e criações.

Outro dia de aula. Outro dia de trabalhos com a África. Mais (im)possibilidades. As incertezas estavam ali presentes. Nesses dias em que convidava a África para dentro das aulas, um turbilhão de sensações se enrolava dentro dela. Os pequenos fios que compunham suas finas mãos estavam gelados. Os alunos iriam nesse dia entrar em contato com o escritor moçambicano Mia Couto. Nessa atividade, eles deveriam selecionar trechos de poesias, palavras ou frases do escritor, que se identificassem, e depois lê-los para a turma. Lançado o objetivo, seguimos para a sala de informática. Após a pesquisa e seleção, feita pelos alunos, as frases e palavras escolhidas foram copiadas da internet e coladas no Word para, em seguida, serem guardadas em pastas, pois seriam usadas novamente em outro momento.

“Fui sabendo de mim por aquilo que me perdia”

“Vou perdendo a morada”

“Eu vi a árvore morte e soube que mentia”

“Vou perdendo morada na súbita lentidão de um destino”

“Pedacos que saiam de mim com mistérios de serem poucos e só valerem quando os perdia.”

“Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo.”

“Minhas lembranças são aves”

“Desde então, a mãe se recusou a deitar no leito. Dormia no chão.”

“Não faça barulho, meu filho. Não acorde seu pai.”

“Escutei o canto doce de minha mãe.”¹⁴

O tempo na escola foi passando em meio a aulas com África e aulas com conteúdos do currículo formal. Um dia, seguindo o caminho para escola, o professor-mulher-linha percebeu no céu uma nuvem negra se formar. Sentiu um vento forte entrar pela janela do carro. Era um ventar de lentidões extremas e velocidades vertiginosas. Um ventar desassossegado, inquieto, caótico, cheio de partículas. Aproveitou aquele sopro e respirou forte. Fôlego. Ele se sentia mulher, ao mesmo tempo animal, ao mesmo tempo tribal. Era uma sensação que não dava para acreditar, rápida e lenta, sem começo nem fim. Sentia o ar penetrar por ele como um fogo. Fendas se abriam nas cicatrizes já (des)costuradas de seu corpo. Seriam brechas de um povo por vir?

Ela chega à escola ainda na companhia do vento. Tontura. Dá início a mais uma aula. Sugere aos alunos uma atividade com aquelas imagens da África que eles haviam selecionado anteriormente. Ela ainda sentia as vertigens daquele vento. Pensou em como iria trabalhar com aquela atividade. Algo veio com o vento. Tempestades sempre trazem boas ideias. O procedimento a ser usado, era de sobreposição das imagens no rosto ou no corpo dos estudantes. A escolha das imagens e do lugar-corpo para sobrepor era dos próprios alunos.

Ela chegou à sala com máquinas fotográfica, computadores e Datashow. Ficou parada por alguns segundos na porta. Sua respiração é forte. Tomou mais fôlego. Entrou na sala sobre olhares intrigados. O que iria acontecer? Essa era a dúvida que pairava. De repente, ela diz:

“Hoje vamos fazer uma experimentação com África. Vamos usar aquelas imagens e frases que vocês copiaram da internet há um tempo.”

Os olhares continuaram sem entender muita coisa. Então, ela continua:

Primeiro vou jogar no rosto de vocês imagens usando o Datashow, depois vou fotografar a sobreposição da imagem da África com o rosto.

¹⁴ As poesias foram selecionadas pelos alunos em 2013. Para essa dissertação coletamos alguns trechos no mesmo site usado naquele ano: <http://www.elfikurten.com.br/2015/05/mia-couto-poemas.html> data de acesso: 10/07/2015

Do fundo da sala, palavras gritadas surgem:

“Tem que ser no rosto, professora?”

Diz a professora:

“Não necessariamente, pode ser na mão, nos pés, na orelha, nariz etc.”

Aqueles olhares desconfiados e desinteressados começam a se desfazer, afinal, eles iriam ser fotografados. Alguns até começam a arrumar o cabelo, olham-se no espelho, passam batom. Durante os preparos estéticos, começa também a arrumação do lugar, afinal, era preciso deixar a sala pronta para a sessão de projeção e fotos. Cadeiras e carteiras são arrastadas para os cantos a fim de deixar um espaço central livre. Em meio a essas movimentações, ela percebe que a sala de aula se torna um camarim-teatro-estúdio. No centro da sala, a mesa do professor é usada para a montagem do equipamento, Datashow e computador são instalados. A professora liga o computador, seleciona as pastas com os arquivos de imagens capturadas pelos alunos. Um semicírculo de olhos curiosos e palavras de interesse se forma ao redor daquela mesa de centro. Todos querem ver as imagens. Desejavam saber se aquelas selecionadas por eles, individualmente, em outras aulas, estavam ali. Afinal, se tivessem que ser fotografados, que fossem com as imagens que antes, de alguma forma, já havia os afetados.

“Olha! Eu me lembro dessa foto, professora. Eu selecionei. Quero essa!”

Legal, a pasta está com meu nome.

Está vendo aquela imagem, eu que peguei.

A gente fez essa atividade no começo do ano né, “Dona”?

Eu não lembro!

Eu não fiz, “Dona”! Vou poder tirar foto?

Posso usar a imagem que outra pessoa selecionou?”

A professora se levanta da cadeira em que estava sentada e diz:

“Pessoal, vamos lá. Quem quer começar?”

Rapidamente alguém diz:

Eu Dona! Eu vou!

Era uma menina negra. Ela escolhe sua imagem, é de um menino negro de alguma tribo africana. Então ela se posiciona no fundo da sala entre a parede e a mesa com o Datashow e espera a luz.

A professora então pergunta a menina:



“Onde você quer que eu projete a imagem?”

Pode ser no rosto mesmo, Dona.

Como devo ficar?”

Questiona a menina no fundo da sala. A mulher olha. Pensa. Suspira fundo e diz:

“Fique em pé, olhe na minha direção.”

Nesse momento, a professora pede para que um dos alunos segure o Datashow e posicione a projeção no rosto da menina parada no fundo da sala. Eis que surge a sobreposição. O contágio foi geral. Todos os alunos em volta estavam participando, eles sugeriam maneiras outras de colocar a imagem projetada no rosto da garota.

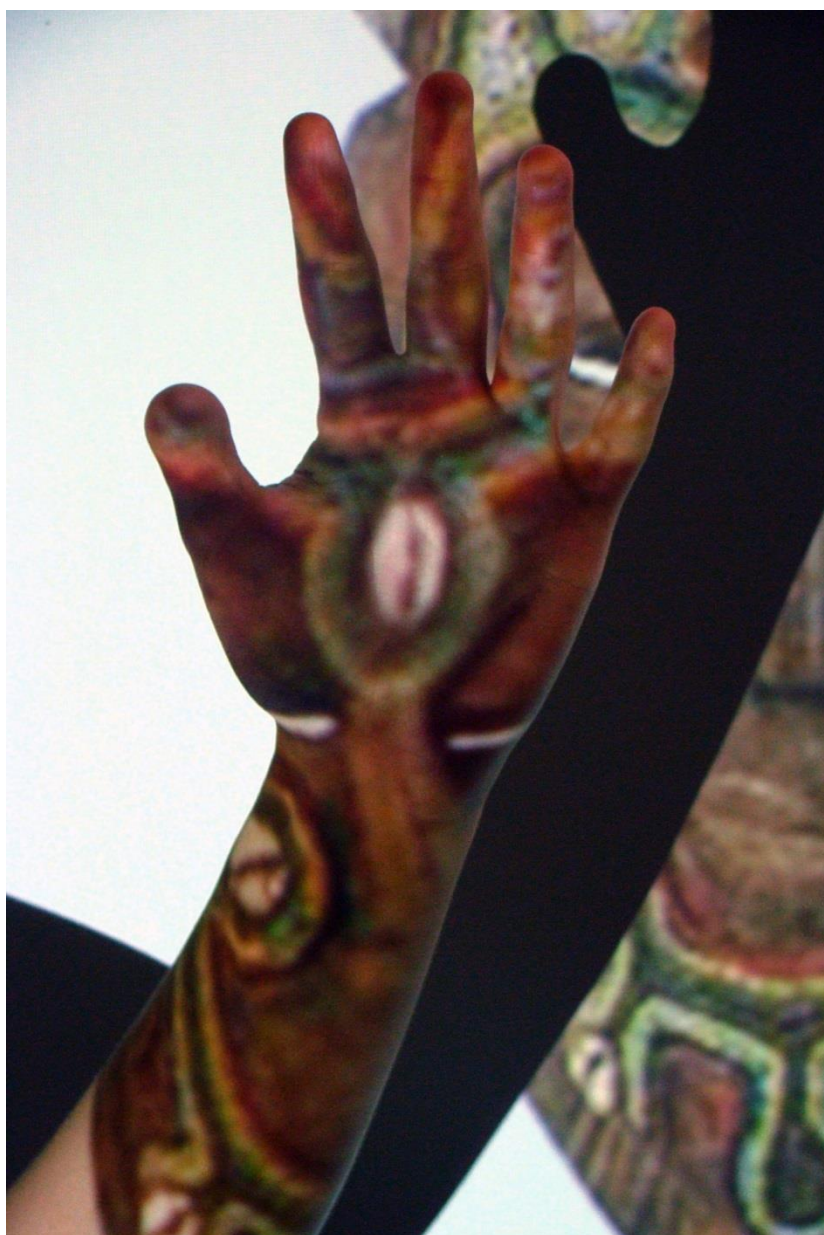
“Onde projeto, Dona?”

Coloca no rosto!”

Rapidamente o garoto que segurava o Datashow jogou a luz colorida, que sai da máquina de projeção, sobre a face da aluna. De início, a projeção se deu com imagem-rosto posicionada corretamente com rosto-estudante, fizeram algumas fotografias dessa forma, porém, alguém sugere para que as linhas dos rostos se deslocassem das linhas da imagem. O resultado foi emocionante.

“Da hora assim, Dona!”

Que legal! Quero fazer! “





Em palavras, imagens e sons, o resultado logo se dissipou contagiando ainda mais a sala. Em meio a essa movimentação, outra menina se levanta rapidamente da cadeira falando:

Agora é minha vez!

“Espera Dona, vou arrumar o cabelo.”

Ela se olha no espelho, passa o pente no cabelo, pergunta para alguém se está bonita e corre na direção da mesa da professora onde estava o computador com as imagens.

“Cadê as minhas imagens, Dona?”

A professora abre a pasta com o nome da menina e deixa que ela escolha algumas imagens. Feita a seleção, rapidamente a aluna corre para o fundo da sala e diz:

“Gente, veja o que vocês acham!”¹⁵ “

Que imagem fica melhor!

¹⁵ As duas primeiras imagens foram produzidas a partir de projeções com os alunos da Escola pública Gabriel Pozzi no ano de 2012 em Limeira – SP. As outras três imagens foram feitas com alunos da Escola pública Ruth Ramos Cappi em Limeira – SP, no ano de 2013.

4 – QUARTA (DES)...: E SE DE MANHÃ O VENTO

A música fez vibrar a teia da mulher-aranha no canto superior da varanda da casa. A voz cantada parou por alguns segundos. A aranha decide que é hora de levantar. Começa outra canção. Contaminada pelo vento, sente-se estranha. Vertigens. Deseja compor seu organismo com outra coisa (DELEUZE, 1997, p.65), mulher e negra e aranha e criança e linha e... Move-se a mulher pela teia e aterrissa junto a uma mesa que fica no centro da varanda. Em cima, linhas, agulhas, giz, tecido, livros e folhas estavam espalhados.

Ela se aproxima mais. Repara que ali, entre aqueles objetos dispersos sobre o móvel, movia-se uma mão. De quem seria? De uma mulher? Aranha? Mulher-aranha? Aranha-mulher? Tudo isso? Curiosa, começou a andar pelo lugar, ora mirando a mão, ora observando os objetos, ora, simplesmente, deixando-se solta a força da voz que vinha com o vento. Impaciente falou:

- É cantora?

Mão: o que disse?

Aranha: desculpe incomodar...

A mão nem se importou muito com aquelas palavras. Continuou o preparo do lugar para trabalhar.

Mulher: você canta? Escreve?

Mão: poesia, às vezes. Disse a senhora de cinco dedos.

Aranha-mulher: desculpe interrompê-la mais uma vez, mas com o que trabalha?

A aranha queria tecer conversa, pois desejava saber sobre as linhas e agulhas soltas na mesa.

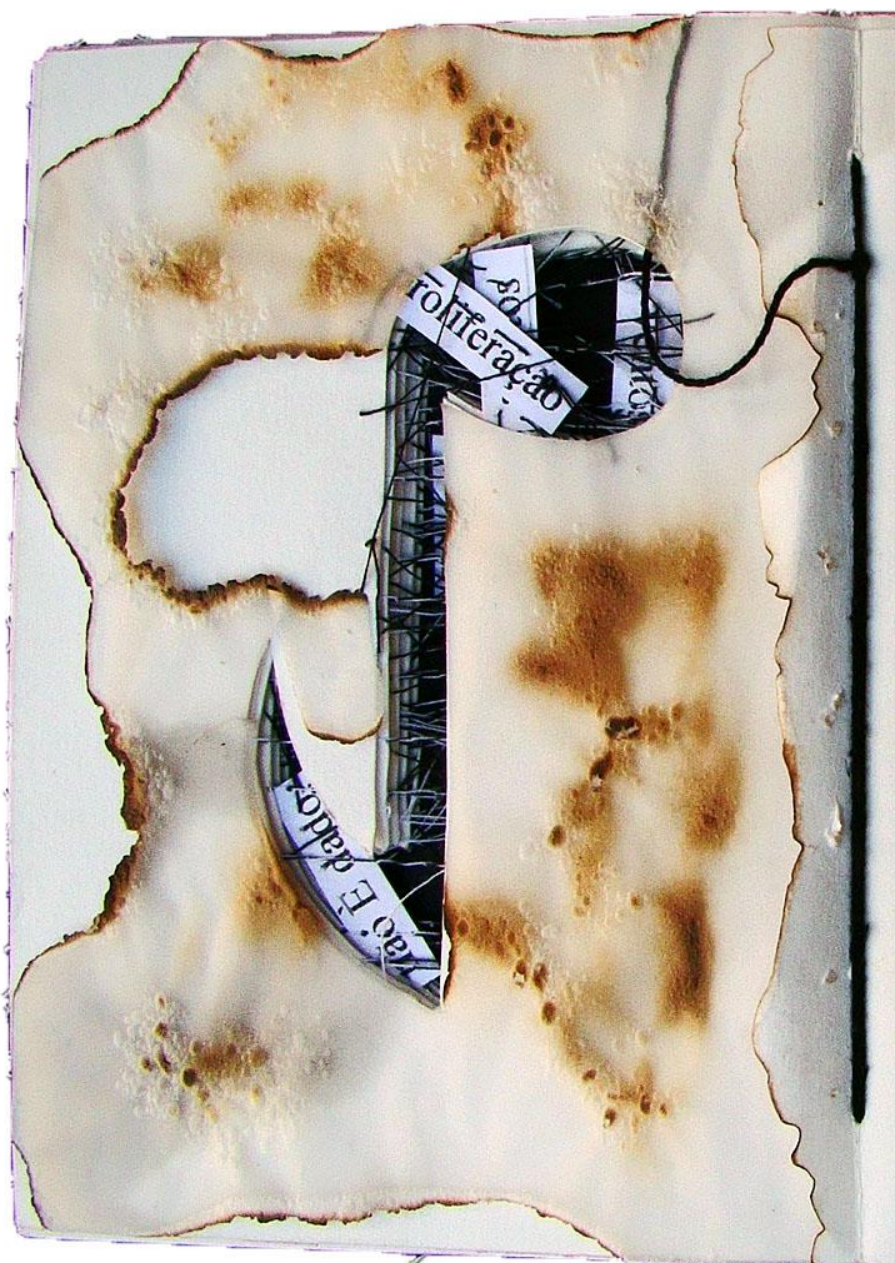
Mão: costuro. Bordo. Escrevo poesias. Mas não canto.

Aquela mão não era facilmente perturbada.

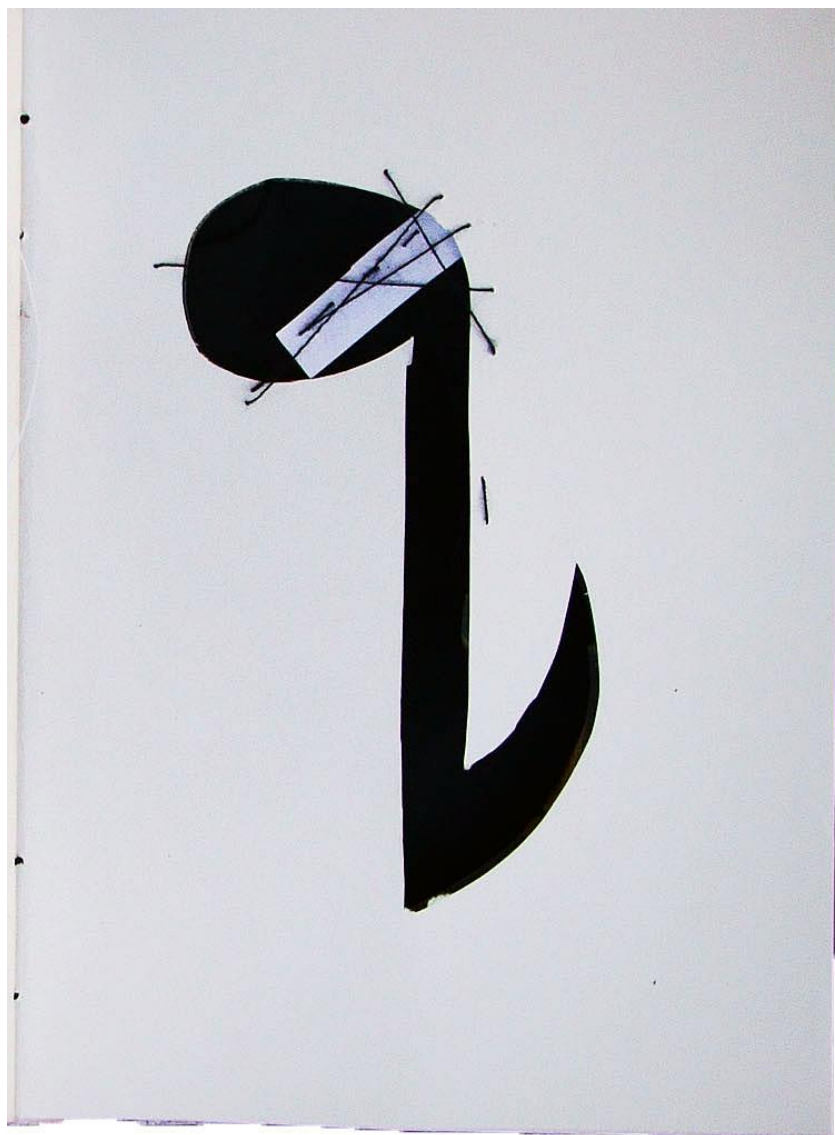
Mulher-tarântula-negra: o vento levou até minha casa o som dessa música, pensei que você estivesse cantando. Disse a pequena.

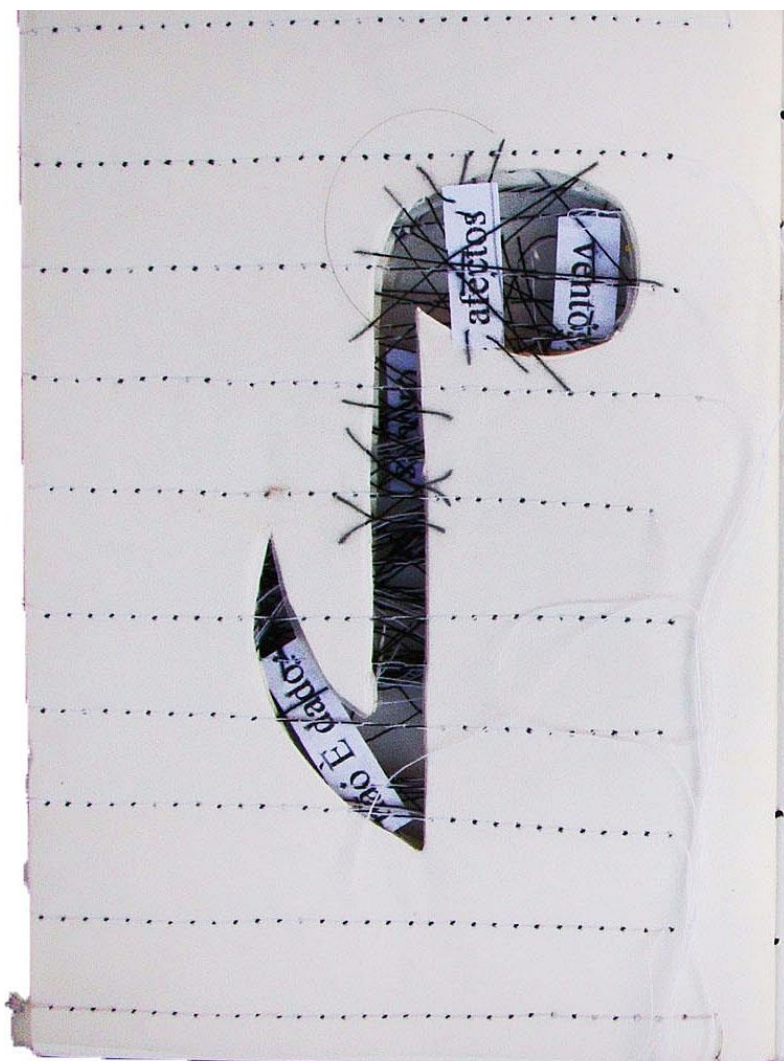
Aquele vento, que havia chegado à casa da aranha-afeminada, estava contaminado por moléculas sonoras, partículas atravessadas por blocos de infância, de feminilidade (DELEUZE, 1997, p.100) que estão sempre querendo devir. Devir-música-criança, devir-música-mulher. A jovem de oito pernas havia sido arrastada por um bloco sonoro, que vinha daquela voz.

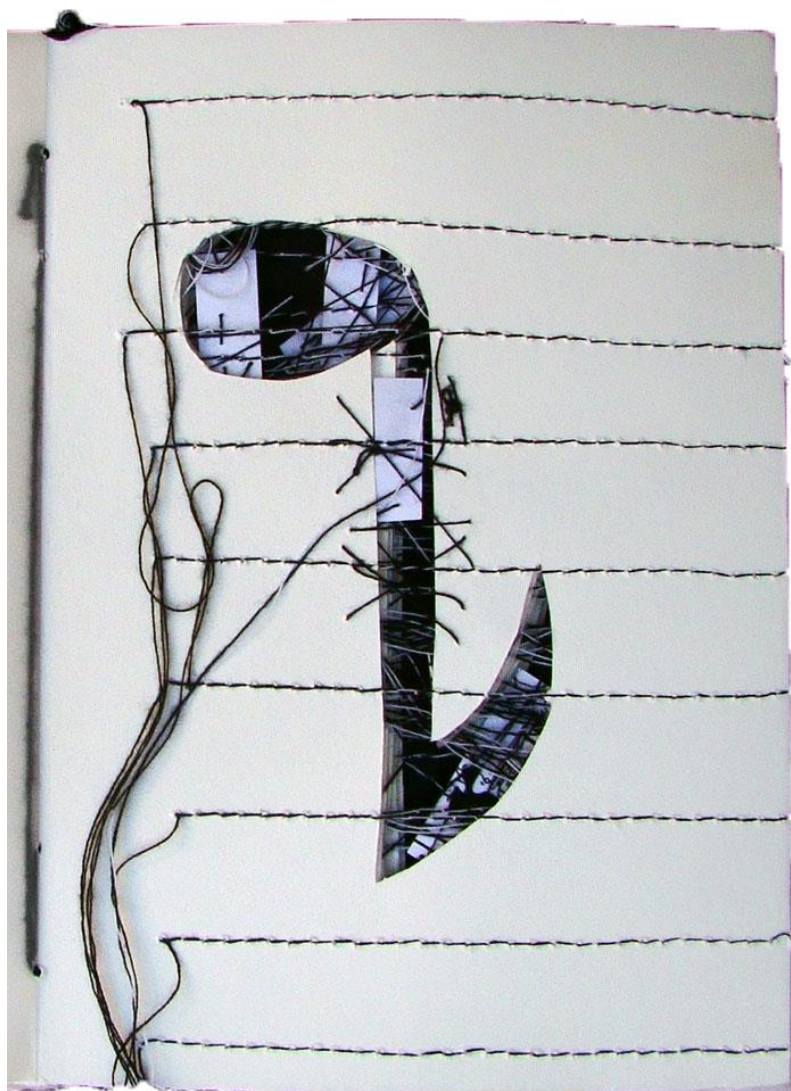
TERCEIRO DIÁRIO











Naquele momento, a aranha foi deslocada de seu território, de seus sentimentos, da ordem, da linguagem (FERRAZ, 2008, p. 220), para ser atravessadas por devires. Era aranha e mulher e negra e voz e molécula e...

Aranha-cantora-negra: essa voz é divina! Disse a aranha fechando todos os oito olhos.

- É Nina Simone. Respondeu alguém.

Nesse momento, todos os olhos da aranha se desviaram para o lado.

- Isso mesmo. É Nina, mulher, cantora negra. Disse aquele pedaço de pano.

Mulher-aranhada: você entende de música? Pergunta.

Tecido: aprecio bastante.

Tecido: e você, o que faz?

Mulher-linha: eu?...Tenho comigo, por tradição, a arte de tecer teias. Mas tenho me sentido muito contaminada pela força da música e da escrita. Tenho lido muito Virginia Woolf. Quando a leio, sinto uma movimentação forte em mim. “Já não sou mais eu, sou apenas fibra, e tudo me faz estremecer.” (WOOLF, 2004, p.2)

A pequena de oito patas não sabia da potência da música. Não tinha conhecimento de que os blocos sonoros da voz carregam em suas partículas devires: devir-mulher e devir-criança (DELEUZE, 1997, p.107). Além do mais, há na música uma fascinação coletiva, a música, sussurra Deleuze baixinho no ouvido de alguém, pode manejar uma força coletiva infinita. Basta sentir a força do assobio que vem da pequena Josefina do conto de Kafka. Mas, voltemos à aranha.

A pequena dama-negra contou um pouco mais de sua habilidade com as linhas. Começou falando de sua mãe.

- Era uma vez uma aranha... Começou ela.

Uma ilustre moradora dos cantos de paredes. Vinda de uma linhagem tradicional dos aracnídeos tecelãs, a pequena aranhinha mãe, passava a maior parte de seu dia observando a vida ao seu redor enquanto tecia, dia e noite, suas teias formais. Um dia desses, no cumprimento de sua função de tecedeira, olhou para baixo e viu uma mulher sentada em um canto na companhia de agulhas, linhas e tecidos espalhados sobre a mesa. Pensou ela: assim como eu, também aquela mulher também tece. A mulher passava a maior parte do dia se concentrando na criação de suas rendas. Um cenário silencioso, cortado apenas pelos sons da agulha mergulhando no tecido e estourando o pano. Mergulhos. Estouros. Alinhavos. Costuras.

Da mesma forma que aranha, a mulher costurava desde pequena. Porém, seus bordados eram tão bem feitos e diferentes, que se desenhasse um pássaro no tecido, esse era capaz de ganhar voo.

A aranha-mãe ficou tão encantada com a arte da mulher que, com o tempo, foi se avizinando a fim de encontrar maneiras outras de fiar suas teias. Desse encontro surgiu uma amizade. Contaminações. A mulher se contagiava com a aranha e a pequena com a mulher. Havia dias em que a mulher dormia e acordava na aranha, assim, também, acontecia com o aracnídeo. Dupla captura. Devir-aranha-mulher e devir-mulher-aranha. A aranha chegou a pensar na possibilidade de que a mulher pudesse ser descendente de aranha. Pensava: o que pode a aranha?

Com essa pergunta, a fiadeira de oito olhos terminou a história de sua mãe. Essa dúvida foi deixada a ela. E agora seguia tecendo maneira de respondê-la. Se é que era possível.

O tecido e a mão ouviram a história ao som da voz que vinha do aparelho. Ao final da história, disse o tecido:

- Interessante! Disse o tecido intrigado com a questão lançada pela aranha. Aquela dúvida o havia feito pensar no que poderiam as linhas.

Aranha-Simone: que bom que gostou.

- Poético. Disse a mão sem parar com sua arrumação.

Aquela conversa ainda se estendeu por alguns segundos ao som da voz de Nina. Até que alguém disse:

Mão: o “papo” está bom, mas tenho que trabalhar.

A mulher de cabelos crespos procurou se recolher. Saiu da mesa, ficando pendurada a poucos metros dali pelo fio de seu abdômen a sua casa-teia. Ficou analisando a situação. Presenciou a conversa entre aqueles seres que estavam sobre a mesa.

Agulha: vamos começar, mão?

Mão: acalme-se, querida, o tecido precisa se arrumar e a linha ainda está enrolada.

O aracnídeo-dama percebeu que a agulha era a mais agitada e esperta. Estava sempre preparada para se enroscar na linha e entrar em ação. O tecido já era mais calmo. Preferia ficar parado. Gostava de artes e filosofia. Pensava muito na vida e naquele momento estava com uma questão na cabeça. O que pode uma linha?

A linha era a mais abusada, além de muito inventiva, adorava ficar se entrelaçando e se enroscando pelos cantos da mesa.

O trabalho começou. Durante a atividade, pendurada, a pequena de oito olhos, percebeu, pelos sons das palavras, que o tema da conversa era criação. Um criar que fosse sendo costurado na impossibilidade, uma costura que se faz com emaranhados de linhas desejosos de aberturas infinitas de pensar e criar. A vontade era de novas possibilidades de sensibilidade/percepções capazes de irromper lógicas já dadas a que estavam acostumados.

O tecido havia lido alguns livros e anda pensativo sobre o assunto.

Tecido: mão, agulha, linha, por que não buscamos novos arranjos?

Mão: o que quer dizer?

Tecido: tenho lido alguns autores que sugerem que precisamos pensar novas formas de experimentação, para que possamos pensar em novas lógicas a fim de criar novos arranjos estéticos. (GONÇALVEZ, 2014, p.10).

Todos pararam de trabalhar e atentos procuravam ouvir o que o tecido tinha para propor.

Tecido: isso mesmo. Segundo alguns autores, precisamos pensar e explorar novas maneiras de sentir. Vamos lá! Nosso trabalho aqui é tecer. Certo? O que quero propor é o seguinte: de que maneira podemos explorar em nossas costuras outras lógicas que escapem ao modelo hierárquico já dado?

A agulha e a linha pararam um pouco. Respiraram. Puxaram o ar com força, a fim de que as partículas, contaminadas com o caos, avizinhassem-se dos pensamentos.

Linha: essa proposta é interessante, meu amigo, eu adoro a ideia de poder escapar, mas por onde podemos começar?

A mão divagava com aquela conversa. Não estava acostumada com mudanças, mas por que não tentar. Ela sentia que àquela rede de ideias, que estava se bordando, com conversa podia resultar em belas e potentes experimentações.

Tecido: devir! É por ele que vamos começar nossas investidas.

Tecido: o devir é um conceito filosófico explorado por Deleuze, principalmente, em seu livro *Mil Platôs* v.4. Primeira coisa que precisamos saber sobre o conceito é que, para Deleuze, não é apenas algo que passa por uma semelhança, devir não é imitar alguma coisa. Se quisermos trabalhar com o conceito, temos que ter em mente que ele é, antes de tudo, uma proliferação, uma matilha que mina as grandes potências molares como a família, profissão, conjugalidade (DELEUZE, 1997, p.9).

Agulha: Parece-me, então, que o devir escapa aos pensamentos ou aos modos de fazer, hegemônicos, que seguem os modelos já dados, tradicionais, por exemplo, a família.

Isso! Isso mesmo. Não queremos lógicas que dominam os meios de nossa sociedade. Disse o tecido empolgado.

Tecido: está entendendo, linha?

Linha: deixe-me ver. Vamos pensar em nosso cotidiano. Nós aqui costuramos. Certo? Se vamos pensar com Deleuze & Guattari e com o devir, precisamos mudar o referencial, mostrar o que não era visto. Para isso, temos que (des)arranjar o que está pronto, ou o que já vem sendo costurado pelas mãos dominantes. Estou certo?

Tecido: perfeito! Esse é o caminho. Deleuze coloca toda força de seu pensamento a fim de conceitualizar o devir. Para ele, esse conceito não deve passar pela semelhança, ao contrário, a imitação é um obstáculo ao devir. Deleuze aposta no devir como sendo uma investida em novos modos de ser e estar no mundo (GONÇALVES, 2014, p.14).

Mão: como se dá isso?

Tecido: a linha já nos apontou uma trajetória. Queremos com o devir traçar uma fuga que se costurada por linhas inventivas que se contaminam, por vezes, de modo impossível com outras coisas, outros seres, a fim de que possamos rasgar as certezas que já estão prontas (DIAS, 2011, p.93).

Nesse momento, alguma coisa se mexe na mesa. Um objeto pequeno, branco e de forma cilíndrica. O giz, que somente era usado para marcações no tecido, mostrou-se interessado na conversa e resolveu falar.

Giz: o que pode a linha?

Na expressão do tecido era nítido o espanto ao perceber o comentário do amigo branco. Afinal, seu companheiro pouco participava dos trabalhos e das conversas.

Tecido: o que disse, meu amigo de calcário? Falou ele comovido com a pergunta.

Giz: a conversa de vocês me contagiou. Apesar de quieto, eu estava atento e me coloquei a pensar nessa questão lançada ao vento pela aranha.

Giz: o que pode a linha enquanto potência para outros modos de existência, pensamentos, experimentação e criação?

Tecido: adoro essa pergunta! Desde que ouvi a história de nossa amiga aranha, tenho me questionado sobre o que pode a linha.

Linha: a linha pode muitas coisas. Andamos em linhas, tecemos por linhas, escrevemos por linhas, os desenhos são linhas (INGOLD, 2007, p.1), o corpo tem linhas, o som se propaga por linhas. A vida está ligada a processo e desenvolvimento (BONET, 2014, p. 335) que se faz ao longo de linhas. E não para é só isso, podemos pensar também a linha ligada a processos criativos, por exemplo, a costura. Nesse caso, temos o cortar, o rasgar, o sobrepor, o furar, (des)costurar (DERDYK, 2010, p.27).

Nesse momento, um vento sopra forte. Um ventar carregado de partículas contaminadas: átomos femininos de Virginia Woolf e microfeminilidade de Deleuze. É nesse ar que chega a pequena aranha-mulher-negra à mesa. Diz ela:

Aranha: que criações, pensamentos e devires podemos produzir a partir da linha?

Giz: interessante. Comenta com surpresa.

A ideia do Giz era que essa conversa chegasse a um assunto que ele conhece bastante. A escola.

Aranha: por onde você sugere que comecemos, meu amigo branco?

Giz: que devires podem ser produzidos pelas linhas na escola?

Tecido: ora, para respondermos essa questão, precisamos relacioná-la com alguma experimentação ou com alguma produção feita dentro da escola.

Giz: África.

Aranha: lindo tema!

Vento: ótimo! O vento era muito interessado nos temas da educação. Ele estava sempre pronto a se avizinhar, a provocar devires, abrir brechas para uma educação–invenção esvaziada de certezas (WUNDER; ROMAGUERA, 2016, p.125)¹⁶. Todos ali se mostraram intrigados com o assunto.

Giz: então vamos lá. Vou trazer aqui para vocês produções feitas por alunos a partir da temática africana. Mas antes vou contar um pouco sobre como a professora chegou a essas produções. Dizem, inclusive, que nesse dia, ela, a professora, estava tomada por um devir-aranha-negra. Nesse dia ela-----.CRACK!-----

-----BOOMM! ...De repente, algo caiu no chão. Explodiu.

Giz. Pedacos. Pó. Fragmentos diversos. Não se sabe com certeza o que aconteceu. Dizem que aquele diálogo estava começando a se apresentar muito didático, uma aula já

¹⁶ Disponível no site: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca> acesso: 10/04/2016

dada, para as experimentações que os personagens estavam buscando. O resultado foi que o giz virou pó. Comentam que o pequeno branco queria experimentar uma dispersão sem precedentes. Desejava o pó a fim de deixar-se sentir atraído por outros procedimentos. Involução é o que quer Deleuze. Transgredir o método já dado, o didático (DIAS, 2011, p.97). Na busca dos deslimites se fez pó.

Alguém grita: VENTO! VENTO! VEM VENTO!-----

-----O grito não pede por um ventar qualquer, mas um que seja arrebatador, que carregue para longe, em desespero e solidão.

Vento! Canta o poeta. Vem vento!-----agora----- sou----- pó. ----

-----Carrega-me para um lugar distante. Para desertos-----
VU-UU-UU-----vento!

-----Para desertos onde a poeira me faz... menino. -----1 e 2
e 3 e-----pó de giz. Transe. Devir. Criança.-----desinventar-----
Vento!-----VU-UU-UU!-----
----- VU-UU-UU! -----

Carrega o vento o pó. Ele quer se engravidar pelo vento. O vento, canta Manoel de Barros, quer abrir nele seu lado pássaro e mulher e criança e negro e homossexual e...

“Ufa”! Disse ela cansada. Aproveitando o vento que entrava em seu quarto, ela respira fundo. Chegava à noite escurecida por vento e som. Uma voz de mulher a cantar. Um canto forte que não deixa anoitecer as sensações. Música negra. Nina Simone canta para que ela se sinta forte. Então chega à noite em seus olhos. Dorme. Amanhecia. O sol quase que queria se achegar a janela, mas ainda não era hora. Segundos depois, veio à manhã e lhe interrompera o sono. A mulher se levanta. Vertigens. Sente-se dominada por estranhos sentimentos, seu coração parece se agitar por impulsos selvagens (WOOLF, 2004, p.19), mais selvagens que o normal.

Sentiu um vento nas narinas. Ondas de ar contaminadas pelo pó. Moléculas feiticeiras. Era Virginia Woolf que a deixava assim, em suspensão. Não se sentia segura a coisa alguma. Uma sensação estranha, diferente da lógica habitual de seu dia a dia. Era um estar sem estar. Ela não sabia, mas aquela voz, fez com que ela acorda-se em uma zona de incertezas inquietantes em que se constitui o “*entre*” (GOLÇALVEZ, 2014, p.9). Lugar esse onde, nela, transitavam devires-mulher e devires-aranha e devires-negro e.... Caos e....

Naquela manhã, a voz forte percorria todos os cantos da casa e escapava por janelas, portas e frestas em busca do vento. Nele se contaminava, ainda mais, com

outras partículas. O que pode o vento? Pode engravidar, diria Manuel de Barros, afinal, vento é contaminado de organismos. Pode fazer de “Orlando” uma mulher onde se combinam a *força de um homem e a graça de uma mulher* (WOOLF, 2014, p.142). Pode dar *força* ao canto de Josefina, comentaria Kafka. Pode devir... diriam Deleuze e Guattari.

O canto encontra com o pó de giz do vento, que encontram a aranha desejosa de um cantar mulher-negra. Que encontram o homem-professor. Contaminações. Forças que se enriquecem de outras forças e vão se juntando a elas num novo conjunto, num devir (DIAS, 2011, p.91) mulher-aranha e aranha-mulher e animal-criança e criança-animal e mulher-vegetal e vegetal-mulher. Uma mulher canta música negra.

O som que vinha do aparelho era de arrepiar. “Carne negra”. Rasgava o grito daquele canto. Era com esse som na cabeça que, nas manhãs de quinta-feira, ela acordava. Na noite anterior, ficava ouvindo música negra enquanto trabalhava. Elza Soares cantava: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

É Manhã. Ele Se aproveita do vento que chega e se agarra nele. Sua Carne agora é negra. Antes de se arrumar para o trabalho, ela pega um livro na estante. Abre e começa a procurar todas as palavras. Encanta-se com o *vento* nas poesias de Manuel. Vento Que molha e vento que bica e vento que brinca e vento que pássaro e vento que África e...

Vestiu-se o homem com uma saia um pouco a baixo do joelho. Havia Acordado naquele dia com a sensação diferente, estava contaminado por um querer outro, um desejo de *pensar novos arranjos, embaralhar as lógicas* (GONÇALVES, 2014, p.10). Começou Pela escrita, gostava da proposta de pensá-la como um caso de devir (DELEUZE, 1997, p.11). Pegou Um papel e escreveu algumas palavras. Lembrou-se do devir de Orlando, ele *havia se transformado em uma mulher (...) mas continuava a ser precisamente como era antes*. (WOOLF, 2014, p.142). Não Queria parecer mulher, mas sim experimentar as intensidades femininas (CARVALHO, 2011, p. 341). Escreveu outra coisa, riscou. Ainda não era suficiente para agitar a linguagem (DELEUZE, 1997, p.21). Insiste Na escrita quem sabe trazer o vento para ajudar a soprar a palavra até inventar um truque que fabrique *brinquedos com palavras* (BARROS, 2010, p.329). ♂ Vento começou a dar a ela uma direção.

QUARTO DIÁRIO

Poder do...
 procurar do...
 Poder...
 Quero inventar
 uma escrita.

A linha é
 um ser
 muito
 pequeno.

DE VER
 COM AMOR
 FOULO, QUE
 NÃO É
 NÃO SER...

HORIZONTE é
 GRANDE &
 DISTANTE, MAS
 DA
 PRA TOCAR SE
 MANEJER
 CRIANÇA

TENHO USADO A PALAVRA PRA
 REMEMORAR COISAS
 COMEÇEI REMEMORANDO O VETO, A
 ESCOLA E A AFRICA; E...

MANUEL DE
 BARROS TEM
 ME ENSINADO
 A UTILIZAR
 A LINHA.

TEM TANTO
 NASCIMENTO
 PRA
 LINHA...

LÁ NO FUNDO DE
 BORBOLETAS E
 CORPES...

FLORES E
 BOBINA

1941-1942

2. 1960-1961

CAOER, MO OM PUDAY,
QUM SIB NA DE

DATE/PAGE

ARISCAR
PLUMPS
LIMPS

PPR

mantra

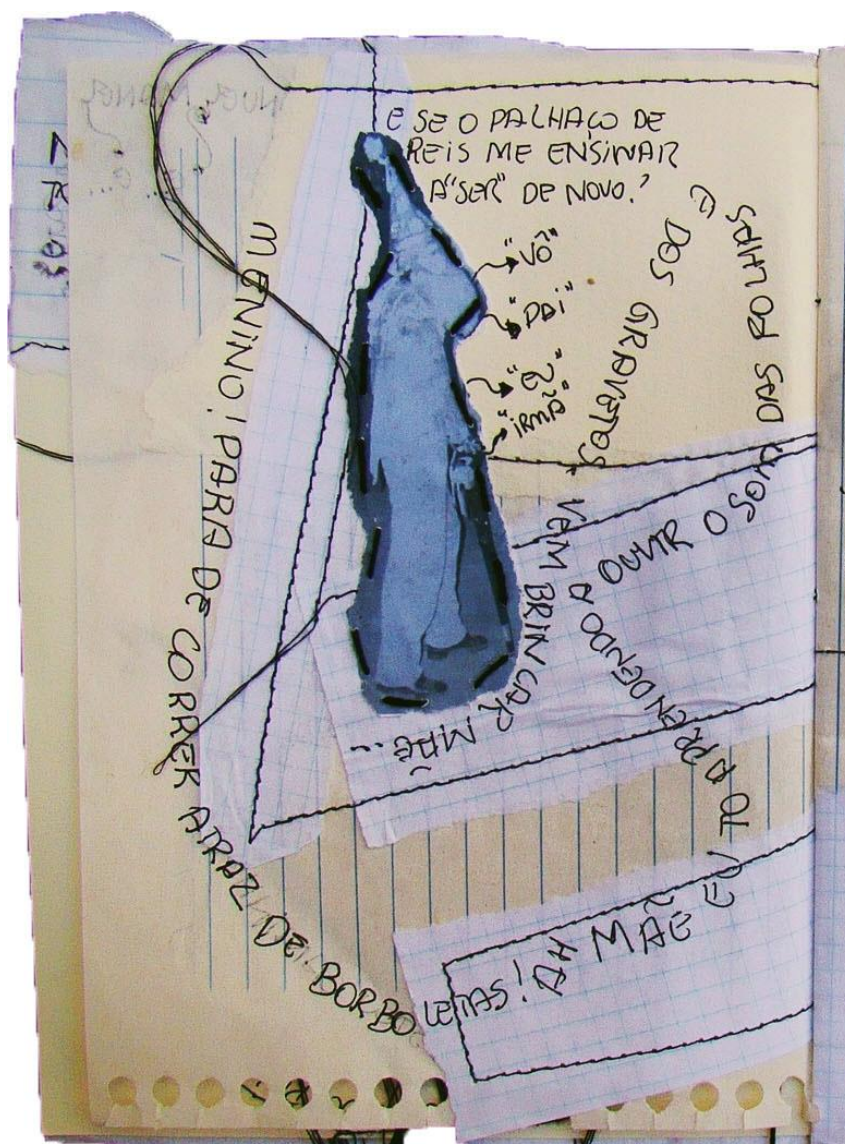
um 200
2000

NÃO SEI SE JÁ VOU, MAS TEMO UM POUQUINHO DE LÍMIA.

CONFIDENTIAL
JAN 20 1981
44-38861-1000

30 JOURNAL
OF THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE
LONDON
1901





Sugeri a ela que apostasse numa educação que quer diferir, que seja capaz de provocar devires para abrir a uma educação-invenção. Anotou Isso. Olhou o relógio.

Estava atrasada para aula. Seguiu seu caminho contaminada. Pensamentos e desejos e palavras e devires e imagens e sons e.... Aquela manhã...

Ela, vestida como homem, chega rodopiando à sala. Havia sido carregada pelo vento. Desconsertada pelos giros do ar que a trouxe, começou a aula. Experimentações difusas, pensou ela. Adorava essa palavra por permitir abrir outras lógicas (GONÇALVEZ, 2014, p.10).

Essas experimentações foram feitas com quatro turmas do sexto ano, cada turma com aproximadamente 25 alunos, em aulas de cinquenta minutos com turmas separadas.

As turmas, de cada sexto ano, eram divididas em grupos. Cada grupo iria trabalhar com materiais diferentes. Assim, com a primeira turma, ela compôs: cinco grupos com aproximadamente quatro alunos. Esses alunos (todos) iriam receber mapas da África¹⁷ e folhas de papel vegetal.

Em seguida, a professora, distribuiu materiais, diferentes, para cada grupo, pois não havia muito tempo para que todos os grupos experimentassem todos os materiais. Dessa forma, tínhamos: um grupo com argila e terra e outro revistas, outro com livro didático, outro com linhas e tintas e outro com lápis de cor. Primeiro, a aranha pediu que os alunos colassem sobre o mapa a folha de papel vegetal.

Em um segundo momento, o professor-mulher-aranha sugeriu uma pergunta que mobilizasse as atividades: “Que África pode fazer parte de nossa vida?” Foi com essa questão que a tarântula-negra pediu que eles produzissem imagens da África. A ideia dela era que, a partir dessas imagens, eles poderiam criar outras composições com os materiais: usando jornais, revistas, mapas, tintas, livros didáticos e linhas.

não entendi a pergunta, professor.

como assim, da minha vida?

professor, não sei se tem África na minha vida

por que vamos usar esse mapa?

como vou responder usando o mapa?

¹⁷ Site de referência do mapa da África utilizado durante a experimentação: <https://misosoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012/> Data: 31/07/2015

é para decorar o nome dos países

para que isso, professor?

o que eu tenho que desenhar?

Algo sobre a África ou sobre o conteúdo do Egito?

Que coisas do meu dia podem estar na África? Como assim?

o que é para fazer com isso?

legal! Pode rasgar?

tem certeza professor que pode rasgar?

ah! Isso eu sei fazer muito bem professor. Sou especialista em rasgar.

pode pintar o meu jeito?

oba! Vamos usar as linhas!

por que linhas!

o que tem a ver as linhas com a África?

adoro linhas, professor!

não sei o que fazer!

por que linhas de costura?

professor, não tem nada disso na apostila.

na apostila não fala nada sobre linhas.

tô ficando fã da África!

legal! Posso fazer mais uma imagem?

Posso usar folhas de árvores?

se eu passar terra vai descontar minha nota?

4.1 PRIMEIROS ARRANJOS: AS LÓGICAS.

Ele chegou em casa, com uma sensação de que muita coisa em sua vida acontecia em termos de vento. Ventos que levam a encontros, a caminhos, a desencontros, à escola, ao medo, ao devir, à África, etc. Naquele momento, sentia-se enrolado por muitas das coisas que povoavam o vento, linhas, agulhas, tesouras, pó de giz, mulher, animal, folhas, manhãs, noites, gravetos entraram com ele, às seis horas da tarde, em sua casa. Devir-tarde, diria Deleuze.

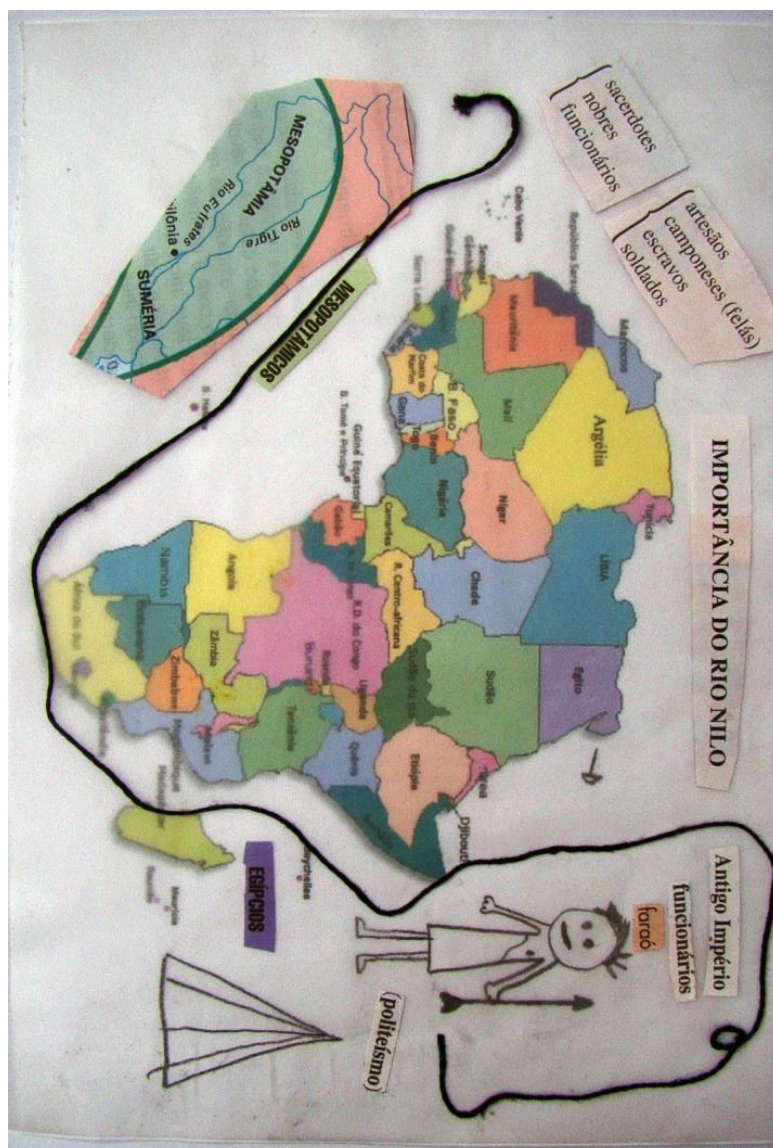
Começou ele, contaminado por feminilidades, a planejar algo com aquelas imagens. Primeiro, para pensar melhor, precisava de um som.

Colocou uma música. Algo de um compositor que havia lido em um livro, John Cage. Um som experimental capaz de liberar partículas sonoras. Deslocamento molecular que deseja a formação de blocos, devires. Ela já se sentia preparada para começar. Espalhou as produções dos alunos no chão da sala. Começou a observar as imagens. Observou que era possível separar em três grupo as imagens. Pensou em agrupá-las de forma que pudessem ser organizadas a partir de certos temas. Dessa maneira, formou dois grupos de imagens que obedeciam a certas maneiras de representar a África: a *Lógica didática* e a *Lógica tarântula*.

4.2 LÓGICA DIDÁTICA?

Ela olhou atenta àquelas produções. “Bonitas!” disse baixinho. Gostava do efeito de sobrepor o papel vegetal no mapa e poder criar cima, decalque-papel-mapa e mapa e papel e decalque e...

Ele sentou no sofá. Deixou cair o queixo sobre a mão e começou a divagar. Em um primeiro momento, pensou que havia dado aos seus alunos apenas uma atividade de criação com linhas, desenhos, palavras, recortes de imagens, mas o que mais aparecia no desenho é uma lógica que é muito programada e planejada de forma didática. Viu essa lógica nas palavras presentes nas imagens: politeísmo, faraó, vida animal, santuário e rio Nilo e também nos desenhos das pirâmides do Egito e do sol.





Percebeu que em uma criação, uma linha preta contornava a África. Pensou que esse fio parecia colocar em lados separados a imagem do continente africano. Como se Egito não pertencesse à África. Olhou com um pouco mais de atenção a fim de sugerir para aquelas imagem um título, pensou em chamá-las de *lógica didática*, pela

maneira como as colagens feitas no papel-mapa sempre remetiam aos livros didáticos. Mas ele não se sentia satisfeito. Percebia que era algo ligado ao didático, mas não apenas. Eis que entra pela janela um vento desacostumado. Estava carregado de sons experimentais, vozes de mulheres e sons de animais e crianças e ruídos e... Pensa ela: “Ah! Esse vento, sempre ele a me engravidar do caos”.

“Lógica didática?” Se perguntou. Ela começou a duvidar daquilo que ela mesma havia proposto. Pensou que, se aquilo que estava pensando sobre as imagens, fosse algo escrito, com certeza pareceria a descrição de uma aula. Não seria melhor “fazer vazar novos possíveis”? Não seria mais interessante ser contaminada pela escrita e “vagabundear pensamentos” (DIAS, 2011, p.97) com as imagens?

Era uma vez um risco que procurava palavras para dar sentido à vida de certas imagens-mapas-decalque. Viu que alguém já tinha dado a elas o nome de *didáticas*. Duvidou dessa sugestão. Preferiu não. Seriam essas imagens só *didáticas*? Não seria preciso esfregar nervosamente as imagens a fim de causar lesões na córnea imagéticas, e, assim, produzir abertura para infecções e afecções desejadas? (DIAS, 2011, p. 91).

O risco então segurou firme as imagens e mergulhou em seus clichês para fugir pela borda (MARTINELLI, 2014, p.67), a fim de que fosse possível escapar ao já dado...

--- sentia tontura. Não conseguia encontrar maneiras de escapar aquilo que já estava dado. Abria e fechava seu caderno de anotação na ânsia de encontrar algo, uma pista, uma palavra, um som que o pudesse ajudar. “*Prefira não!*” “*Prefira não!*” começou resmungar e a riscar essas palavras de Melville pelos cantos, em papéis, paredes, papelão, livros. Se visse isso, Deleuze diria que *preferir não é* tomar algo como impossível, afinal, aquelas imagens obedeciam a uma lógica de encaixe, era preciso olhar para elas e produzir nelas aberturas para o impossível. Esse era o desejo do risco.

A escrita parou um pouco. Estava exausta de escrever e riscar e... Foi andar. Respirar um pouco do ar de um dia nublado. Retornou. Pegou uma xícara de café. Folheou novamente os autores que já havia citado. Voltou às imagens e aos comentários dos alunos. Pensou. Divagou. Fabulou. Essas produções podem até serem consideradas didáticas, pois as palavras que estão coladas nelas remetem a conteúdos didáticos. Mas, por outro lado, essas mesmas palavras e imagens estão soltas ali, quase que não se querem encaixar, sentem-se mais à vontade com desajuste, com o tropeço, com o exercício de ser criança. Querem o devir. Deixou essas imagens um pouco do lado e pegou outras.

4.3 LÓGICA TARÂNTULA.

Uma mão negra se sobrepõe à imagem e parece segurar algo, fios, linhas. O mesmo papel transparente sobreposto a um mapa. África contornada com cor preta. Palavras conhecidas estão ali na imagem, faraó, pirâmides, Quéops, Quéfren, Egito, esfinge. Lembra algo didático. Seria essa a lógica didática? Será? Algo ali difere. Costuras, linhas, fios se soltam da imagem. Alguém costurou! A escrita? Uma aranha? E se fôssemos descendentes de aranhas? Seria interessante, pensou a escrita. Poderia investir numa experimentação com palavras, imagens e linhas para liberar essas imagens da sua condição orgânica (da sua organização). “Experimentar tencionar os limites...” (DIAS; RODRIGUES, 2014, p. 150).

Pegou outra imagem parecida. Queria experimentar com ela, linhas e palavras. Quem sabe propor uma escrita que não fosse tão pedagógica, mas que busque desafiar, roubar e confundir os sentidos do leitor. Será que ela conseguiria? Algo dizia que sim... que era para se contaminar, ser agulha e ser linha e ser cabelo e ser aranha e ser retalhos e...

A linha que saiu de dentro do abdômen da aranha pendurada. O fio que se desprendia do inseto observava, já há algum tempo, as imagens e o trabalho da escrita. Porém, agora, a linha desejava se pronunciar sobre aquelas produções. Foi então que a escrita viu algo se soltando de dentro para fora da aranha. Achou um pouco nojento a linha sair daquele orifício localizado na “bunda” da aranha, mas enfim...

Caiu o fio sobre os desenhos e palavras espalhados pelo chão da sala. A escrita começa a contar à companheira, recém-chegada, sobre as imagens. Diz ela que, naquelas produções, podia-se ver muitos recortes colados; imagem de um menino negro, uma formiga, um macaco e uma mão. Há também, continua ela, um elemento colorido que não dá para identificar. Percebe-se também ali a presença sutil do mapa da África. Ademais, a escrita, não deixou de comentar também sobre as costuras que emolduravam e percorria a vertical da imagem. “O que quer essa linha?” disse ela.





“Quem sabe”, respondeu a linha. “Penso em muitas coisas”, continuou ela. A linha explicou, então, a sua companheira, que aquelas costuras remetiam a produção de teias pelas aranhas. Essas pequenas de oito patas estão conectadas às vidas que circundam o mundo pelas teias. As vibrações sensíveis são passadas a elas por esses fios tecidos. Diz inclusive que para as aranhas “o mundo não é visto como um conjunto de

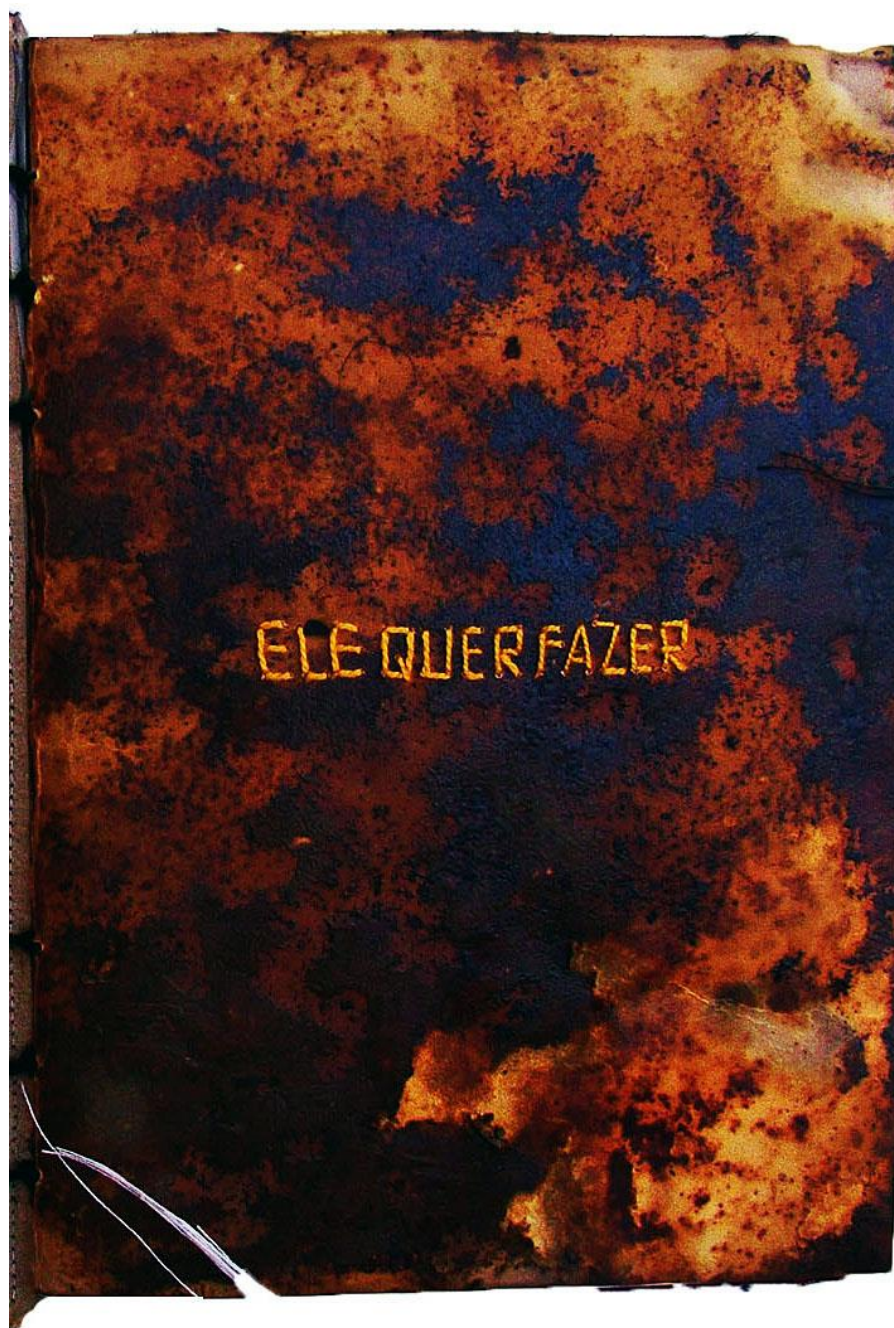
peças heterogêneas”, mas sim “como um emaranhado de fios” (INGOLD, 2007, p.212). Na esteira desse pensar, continuou ela, pode-se dizer que as costuras surgem, nessas produções, como um desejo de fazer pulsar nas imagens, a vida. Vida que se ramifica e se contamina com seres trazidos por ventos (linhas, fios, teias, cabelos, aranhas), que estão sempre em busca de “duplas capturas” deleuzenas-guattarianas, que tricotam devires com linhas-escritas e escritas-linhas e tarântulas-escritas e escritas-tarântulas e...

“Os fios de linha são também escritas”, disse a linha. Uma forma de dizer com Áfricas que não estão dadas. Um dizer que é experimental, contaminado pela imagem e engendrada num devir. Uma escrita inventada na impossibilidade do não dizer. Escritarântura!

“Escritarântula!?” Exclamou duvidosa a escrita. “Isso mesmo!”, continuou a linha. Essa tinha em mente “uma escrita que, colocada em relação com o impossível, fabula o real deferindo estrategicamente da história das causas e dos efeitos” (GODINHO, 2011, p.42). *(Por que você escolheu escrever sobre a África?)* “Mas como seria essa escrita?” questionou a escrita. Inventada no “impossível”, reafirmou a amiga espichada. O impossível surgia, para o pequeno fio, como uma linha fujona que tenciona conceitos como devir, África, escola e costura e os alinhava com uma vontade de inventar novas formas de escrever, dizer e experimentar a África nas salas de aula. *(No dia, eu não soube responder àquela pergunta)*. A escrita se sentia duvidosa a respeito daquela criação, mas, ao mesmo tempo, deixava seus pensamentos vagabundarem e investia em divagações impossíveis que retirasse das produções dos alunos palavras-aranhadas, tecidas, costuradas. *(Em casa mexendo em velhas fotografias e contaminado por ventos africanos)*. Involuções, diria Deleuze sobre essa escritarântula. Mais ainda, essa escrita quer produzir desvãos, a fim de deslocar de uma lógica predominante (DIAS, 2011, p.100) *(encontrei meu pai e meu avô vestidos de palhaços de folia de reis. Fui ser folião com eles)*.

QUINTO DIÁRIO





20/01/15

COMEÇAM AS REUNIÕES DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA. EM UMA DELAS SURGE UMA CONVERSA SOBRE UMA POSSÍVEL APRESENTAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA.

ALGUÉM SUGERE A TEMÁTICA AFRO, OU ALGO LIGADO AS RAÇAS, TOLERÂNCIA....

ACHO INTERESSANTE. PENSO NAS POSSIBILIDADES...

A CONVERSA CONTINUA, OUTRAS IDEIAS VÃO SURTINDO E SE JUNTANDO A OUTRAS PROPOSTAS.

ALGUÉM SUGERE QUE SEJA "QUELHAS" O TEMA. MUITOS ADOREM A LÍNGUA...

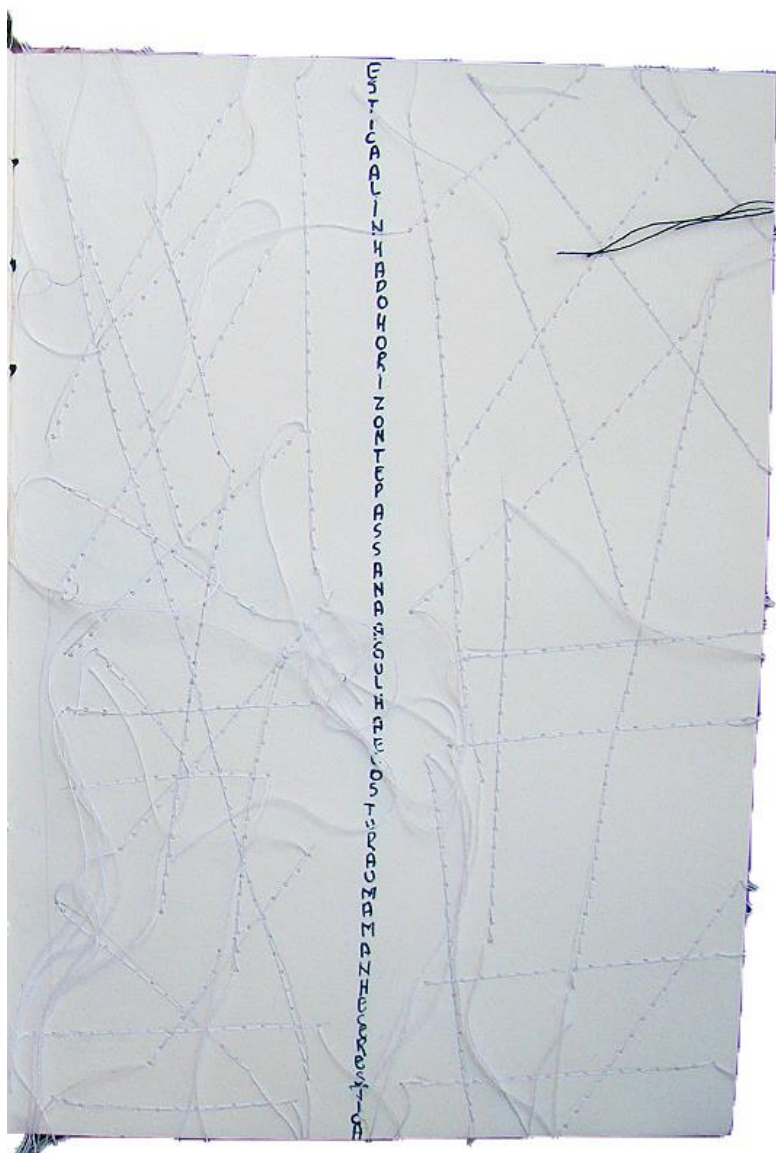
DO MEU LADO ESTÁ SENTADO O PROFESSOR DE MÚSICA DA ESCOLA. UM HOMEM NEGRO, ALTO E SÉRIO. UMA PESSOA LIGADA AO MOVIMENTO AFRO EM LIMEIRA.

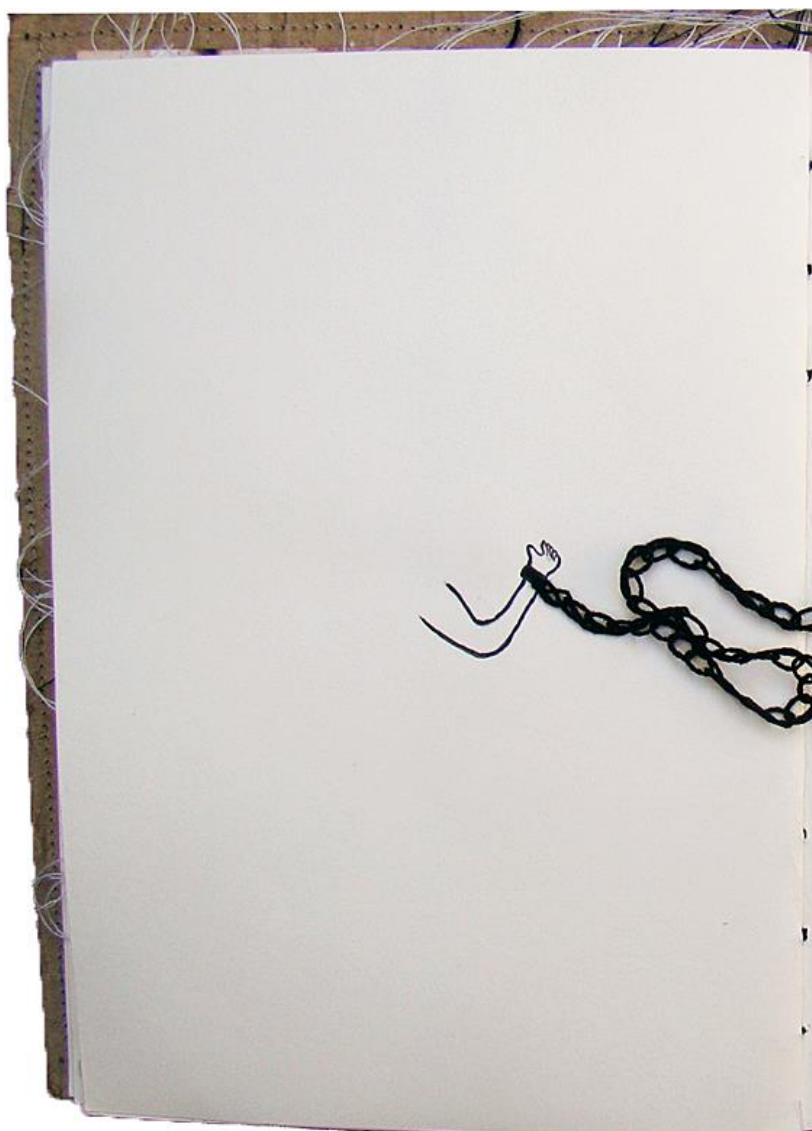
DURANTE TODA CONVERSA ELE SE MANTÉM SÉRIO ~~em~~. ~~percebo~~ PERCEBO QUE O ÚNICO MOMENTO QUE ELE SE MOSTRA LEVEMENTE ANCIOSO É DURANTE A PROPOSTA DE UMA APRESENTAÇÃO CULTURAL LIGADA AO TEMA

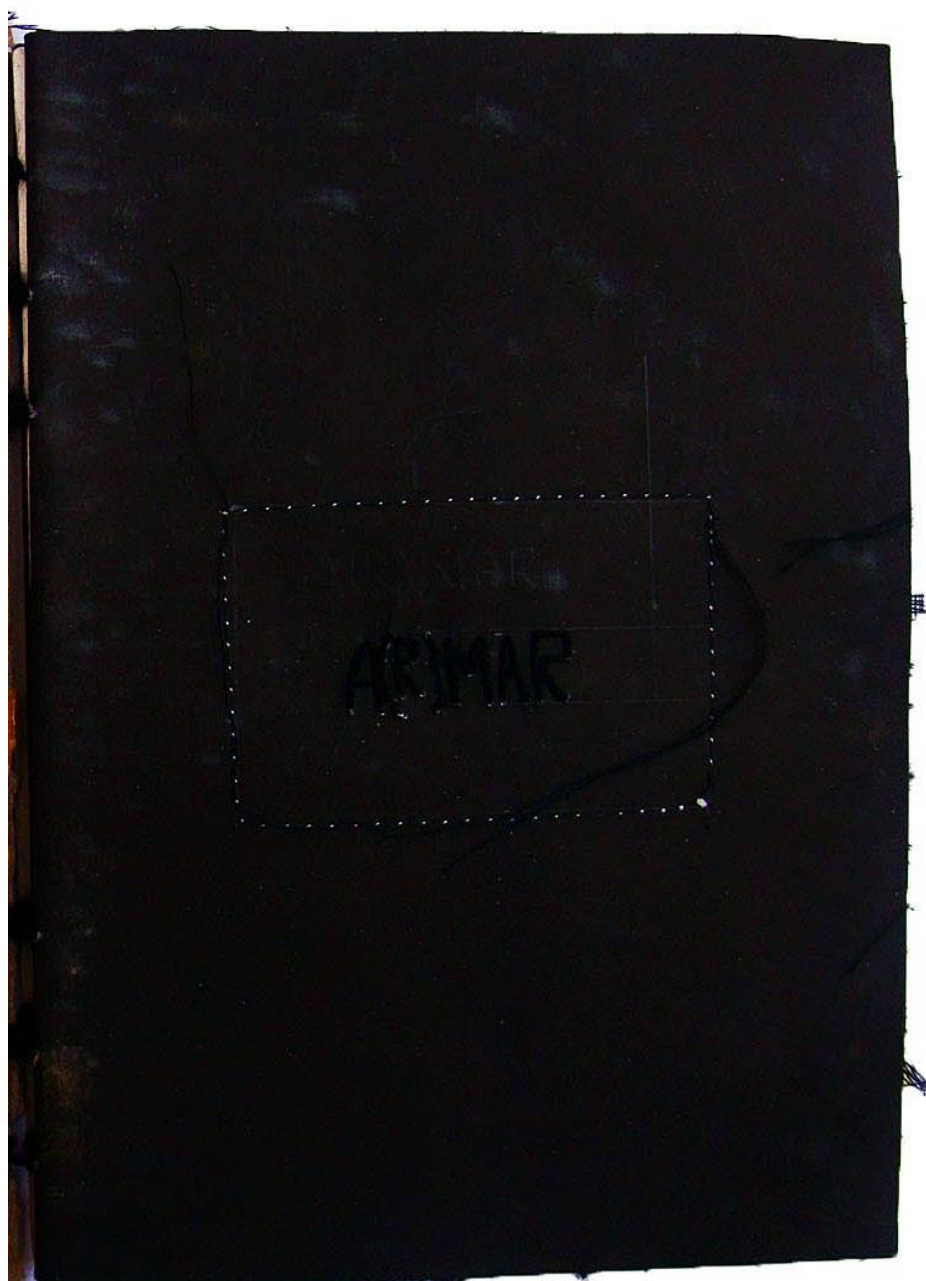
24/01/15

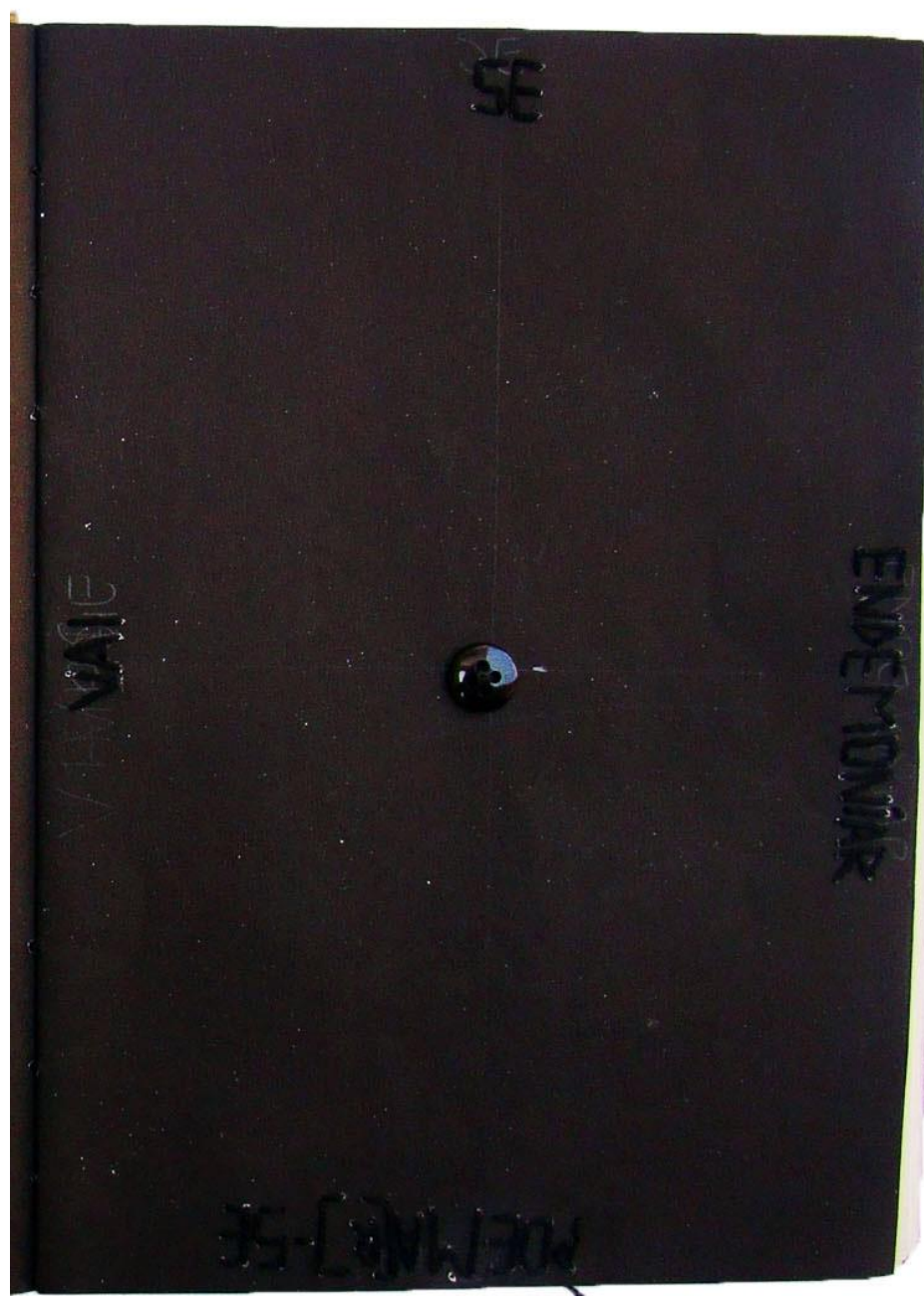
ÀS VEZES ~~PERMITE~~ ~~ENCONTRAR~~ ~~ALGUÉM~~ ~~QUE~~ ~~PRENDEM~~ ~~MEU~~ ~~CORACÃO~~
 A LINHA ME

TATEIO
 A
 LINHA
 EMBARA-
 ÇADA
 QUERO
 ENCONTRAR
 OS
 FIOS
 DA
 LIBERDADE









5. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de. *A formação de professores em roda de formação*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago. 2011.

ALMEIDA, Milton. *A Educação Visual na Televisão como Educação Cultural, Política e Estética*. Pro-posições, v.10, n.2, 1999, Campinas-SP

ALMEIDA, Milton. *Cinema: Arte da Memória*. Ed. Autores Associados, 2009, Campinas-SP

BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. Ed. Leya, São Paulo, 2010.

BONET, Octavio. *Itinerações e malhas para pensar os itinerários de cuidado*. A propósito de Tim Ingold. Revista de Sociologia&Antropologia, Rio de Janeiro – RJ, V. 04.02: 327 – 350, Outubro, 2014.

CARVALHO, Diego de. *O mapa do Centro de Mídia Independente Brasileiro*.

COUTO, Mia. *Antes de Nascer o Mundo*. Companhia das Letras, São Paulo-SP, 2009.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. Companhia das Letras, São Paulo-SP, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*, Tradução: Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo, Ed. 34, 2014.

DERDYK, Edith. *Linha de costura*. Ed. C/Arte, Belo Horizonte – MG, 2010.

DIAS, Susana Oliveira. *Quando o conhecimento encorpa em tela: imagens de um encontro entre a escola e a universidade*. Dissertação de mestrado, FE – Unicamp, Campinas-SP, 2002.

DIAS, Susana Oliveira. *Vagabundear pensamentos – ciência e loucura e arte*. Revista Rua, Campinas – SP, Número 17, Volume 1, Junho 2011.

DIAS, Susana Oliveira; RODRIGUES, Carolina Cantarino. *E se fossemos descendentes de aranhas*. Textura, n.30, jan./abr.2014.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral, Brasília – DF, 2013

FERRAZ, Silvio. *19 pássaros de papel*. Nietzsche/Deleuze: jogo e música, VII Simpósio Internacional de Filosofia. Organizadores, LINS, Daniel e GIL, José. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro – RJ, 2008.

GODINHO, Ana. *Eterno Retorno e jogo ideal – o roubo ideal*. Nietzsche/Deleuze: Jogo e música; VII Simpósio Internacional de Filosofia, Organizadores, LINS, Daniel e GIL, José. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro – RJ.

GOLÇALVES, Osmar. *Narrativas Sensoriais*. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Circuito, 2014.

INGOLD, Tim. *Lines – A Brief History*. London; New York: Routledge: 2007.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome e outras histórias*. Tradução: Guilherme da Silva Braga, Porto Alegre- RS, Ed. L&PM, 2013.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução e posfácio. Modesto Carone. — São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LINS, Daniel. *O último copo: álcool, literatura, filosofia*. Ed.: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 2013.

MARTINELLI, Ivânia Marques. *Desnarrativas de um lugar: devires de fotografias na educação*. Dissertação de Mestrado, FE – Unicamp, Campinas-SP, 2014.

MELVILLE, Herman. *Bartleby o Escrivente*. Ed. Grua, São Paulo – SP, 2014.

MORAES, Fabiano de Oliveira. *Currículo-fabulação : a curiosa metamorfose de Francis Tracart*. Dissertação de Doutorado, UFES – 2014.

NOVAES, Ínia Franco de. *Resistência e proliferação: conversa com imagens de África(s) e professores de Geografia*. Dissertação de Doutorado, FE – Unicamp, Campinas – SP, 2014

ONDJACK. *E se amanhã o medo*. Ed. Língua Geral, Rio de Janeiro – RJ, 2010

ONDJACK. *Há prendizagens com o xão (o segredo úmido das coisas e outras descoisas)*. Ed. Pallas, Rio de Janeiro – RJ, 2011

OLIVEIRA, Jr. W. M. e NOVAES, Inea Franco. *Máscara-mapa: imagens do continente africano*. Territorium Terra: Revista Eletrônica de Geografia, V. 02, Nº 03, p. 29-40 | Out./Mar. - 2013/2014

PELBART, Peter Pal. *O Tempo Não-Reconcliliado. Imagens do Tempo em Deleuze*. São Paulo, Perspectiva, 2004.

PELBART, Peter Pal. *Imagens do (nosso) tempo*. FURTADO, B. (Org.). *Imagens contemporâneas: cinema, tv, fotografia, videoarte, games...*, V.II. Ed. Hedra São Paulo-SP, 2009.

WOOLF, Virginia. *As ondas*. Editora: Nova Fronteira, Rio de Janeiro – SP, 2004.

WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Penguin Classic Companhia das Letras, São Paulo – SP, 2014.

WUNDER, Alik. *Áfricas em ventos*. Projetos Especiais Estudium: Divagações, Unicamp, 2011.

WUNDER, Alik; ROMAGUERA, Alda Regina Tognini. *Políticas e poéticas do acontecimento: do silêncio ao um risco de voz*. Revista Brasileira de estudos da presença. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan./abr. 2016.

6 – CATALAGOS DE ARTISTAS CONSULTADAS PARA PRODUÇÃO DOS DIÁRIOS.

ESTER, Grinspum. *O livro do livro*. Cosac & Naify, São Paulo – SP, 2015.

KHALO, Frida. *El Diario de Frida Khalo: Um íntimo autorretrato*. Introduccion de Carlos Fuentes. México 2001.

TUNGA. *Barroco de Lírios*. Cosac & Naify, São Paulo – SP, 1997